

TERREIRO DE ESCULTURAS DA CURVA DA MUNGUBA

Ateliê Imersivo
de Práticas
Integradas
(AIPIN - 2024)

autores

Carolina Fonseca

Marco Aurélio Damaceno

Sabrina Melo

Sicília Calado Freitas

Sofia P. Bauchwitz



Capa e projeto gráfico:

Sofia P. Bauchwitz

Fotos, textos e revisão:

os autores

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Terreiro de esculturas da curva da munguba [livro eletrônico] : ateliê imersivo de práticas integradas (AIPIN - 2024) / Carolina Ferreira da Fonseca...[et al.]. -- João Pessoa, PB : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Outros autores: Marco Aurélio Damaceno, Sabrina Fernandes Melo, Sicilia Calado, Sofia P. Bauchwitz
ISBN 978-65-01-79962-9

1. Artes - Estudo e ensino 2. Artes visuais
3. Expressão artística 4. Interdisciplinaridade
5. Metodologia de pesquisa científica 6. Museologia
I. Fonseca, Carolina Ferreira da. II. Damaceno, Marco Aurélio. III. Melo, Sabrina Fernandes. IV. Calado, Sicilia. V. Bauchwitz, Sofia P. VI. Título.

25-317464.1

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Interdisciplinaridade : Educação 370.1

Suelen Silva Araújo Oliveira - Bibliotecária - CRB-8/11482



sumário

modos de uso	5
apresentação	6
escultura	12
introdução à museologia	28
ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais	84
análise das linguagens contemporâneas I	114
metodologia	150
culminância	184



Esta publicação foi concebida para refletir a estrutura interdisciplinar e colaborativa do Projeto *Terreiro de Esculturas*, alinhado com a proposta pedagógica do *Ateliê Imersivo de Poéticas Integradas (AIPIN)*, previsto para ser iniciado com o novo currículo do Curso de Artes Visuais da UFPB.

Os capítulos são distribuídos em cores, apresentando as metodologias, discussões e processos realizados pelas diferentes disciplinas que integraram o projeto ao longo de um semestre.

Procurou-se não editar os textos produzidos pelos estudantes, uma vez que nos interessa plasmar as diferentes vozes e modos de fazer e fazer-saber, mesmo quando implica em marcas dos errares de cada participante.

A ordem segue assim:

A disciplina de Escultura, de Marco Aurélio, aparece na cor amarela.

Introdução à Museologia, de Sabrina Melo, aparece na cor laranja

Ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais, de Cacá Foneca, aparece na cor verde.

Análise das Linguagens Contemporâneas I, de Sofia P. Bauchwitz, aparece na cor vermelha.

Metodologia da Pesquisa Científica, de Scilia Calado, aparece na cor azul.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

ateliê

1. Local de trabalho de um artista ou de quem trabalha em seu nome.
2. Local onde artesãos ou operários podem trabalhar em conjunto.
3. Aula ou curso prático sobre uma atividade ou um assunto específico.

A proposta de trabalhar de forma conceitual com o espaço da ***Curva da Munguba*** surgiu a partir da reconfiguração curricular dos cursos de Artes Visuais, que visa articular de maneira integrada três dimensões fundamentais da formação dos estudantes: prática poética, educação e teoria/crítica.

Nesse contexto, o Grupo de Estudos ***Arquipélago***, composto pelos professores Cacá Fonseca, Marco Aurélio, Sicília Calado, Sabrina Melo e Sofia Bauchwitz, idealizou, em 2024, a realização de um módulo coletivo integrado que abrange as disciplinas de ***Ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais, Escultura, Metodologia da Pesquisa Científica, Introdução à Museologia e Análise das Linguagens Contemporâneas I***.

Essa iniciativa marca a primeira experiência de articulação entre professores e disciplinas, fundamental para a reformulação curricular, visando ensaiar novas formas de interação, estratégias metodológicas e processos de cooperação entre docentes e discentes, visando iniciar a organização pedagógica necessária para a realização do ***Ateliê Imersivo de Poéticas Integradas (AIPIN)***, que será implementado nos próximos semestres.

Apresentação

Os exercícios integrados das disciplinas foram realizados com os olhares específicos para a Curva da Munguba, local onde fica o *Laborateliê*.

O Laborateliê foi criado em 2018 pelo professor-artista Marco Aurélio Damaceno, com o apoio coletivo de estudantes, após o retorno de seu doutorado, diante da ausência de um espaço de sala-ateliê para o ensino da escultura e a experimentação com diversos materiais.

Instalado na antiga casa abandonada que servia como depósito de lixo do Restaurante Universitário da UFPB – localizada atrás do RU, junto à Curva da Munguba e ao CCTA – o Laborateliê nasceu como gesto de reexistência e reocupação criativa. Nesse primeiro momento de ocupação e intervenção artística na casinha, destacou-se a colaboração fundamental do aluno Victor Augusto Jesus de Carvalho, que permanece até hoje vinculado ao espaço por meio das práticas de Capoeira Angola, atuando no Omucongo – Grupo de Pesquisa e Prática da Arte Capoeira Angola.

Para o AIPIN, as disciplinas desenvolveram estudos e aproximações à Curva da Munguba a partir de seus conteúdos e ementas, respondendo ao território com fabulação e experimentação teórica, prática e poética. Esse

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

diálogo extrapolou os limites da escultura, envolvendo diferentes áreas do conhecimento e traçando conexões pedagógicas que iam além das ementas formais.

A disciplina de *Introdução à Museologia*, ministrada pela Professora Sabrina Melo, realizou um diagnóstico museológico inicial do Laborateliê/Curva da Munguba, elaborado como um exercício prático, provisório e experimental, sem fins oficiais. A atividade incluiu a construção do histórico da instituição e de suas obras, a análise de seu contexto e funcionamento, além da proposição da Missão, Visão e Valores da Curva da Munguba. Também foram realizados o planejamento, a instalação e a documentação museológica de duas obras efêmeras, integrando os aprendizados teóricos às práticas museológicas e artísticas.

A disciplina de *Análise das Linguagens Artísticas Contemporâneas I*, ministrada pela professora Sofia Bauchwitz, estruturou-se a partir de uma abordagem teórica das principais práticas e experimentações que compõem a história da arte contemporânea, com ênfase nas relações entre obra e espacialidades. Com foco nas

Apresentação

tridimensionalidades, o curso proporcionou aos estudantes uma introdução aos conceitos fundamentais da escultura e suas derivações contemporâneas, culminando na elaboração de projetos voltados à ocupação e ativação da Curva da Munguba como um território poético.

A disciplina *Ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais*, ministrada pela professora Cacá Fonseca, se voltou para o território do Laborateliê e idealizou ações de mediação para o seminário “Do Parque ao Terreiro de Esculturas”, evento que reuniu todas as disciplinas. Foram concebidas pelos/pelas estudantes experiências de aproximação, sensibilização e ativação a partir desse território poético.

A disciplina de *Metodologia da Pesquisa Científica*, ministrada pela professora Sicilia Calado, criou verbetes sobre temas transversais ao projeto.

A culminância das disciplinas ocorreu por meio de um Seminário aberto ao público que reuniu todas as disciplinas participantes do projeto Terreiro de Esculturas.





Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Terreiro de Esculturas da Curva da Munguba

terreiro

1. Faixa, espaço ou porção de terra plana e extensa.
2. Espaço de terra utilizado para o cultivo.
3. Quintal pequeno, destinado à celebração de cultos afro-brasileiros

Terreiro é chão de criação e escuta, onde arte, corpo, natureza e tempo se entrelaçam. Nas **cosmologias** afro-indígenas, não é espaço de contemplação estática, mas de **rito**, movimento e transformação. A escolha do termo também afirma a força antropofágica da língua brasileira, em que convivem ancestralidade, mistura e reinvenção. É nessa perspectiva que se constitui o espaço de esculturas na Curva da Munguba.

cosmologia

1. Ciência que trata das leis gerais que regem o universo.

Mais que um espaço físico, o Laborateliê constitui-se como território de pesquisa teórico-prática, onde se entrelaçam as epistemologias afro-indígenas, a Arte Capoeira Angola e a reflexão sobre o corpo-escultura em movimento, enfocando o processo de criação como experiência das culturas ancestrais afro-indígenas, afirmindo a arte como modo de pensar, sentir e produzir conhecimento.

rito

1. conjunto de práticas ou cerimônias com significado religioso ou simbólico.

composição

1. Conjunto dos elementos ou substâncias que formam um composto ou um todo.

2. Ato ou efeito de compor.

3. Produção intelectual, literária, artística ou científica.

4. Exercício escolar em que se deve escrever sobre um assunto proposto.

5. Trabalho feito pelo tipógrafo.

O nome Curva da Munguba rememora uma árvore frondosa que habitava o local – símbolo de tantas outras vidas vegetais sacrificadas – e homenageia o que ainda pulsa na terra.

As obras, dentro das disciplinas de Escultura, surgem como respostas sensíveis a esses espaços. São obras processuais, coletivas, que transformam o resíduo em forma, a ausência em presença. Esculpir aqui é também plantar.

Espécies nativas como arueiras e cactos integram as **composições** e ampliam o conceito de escultura como:

forma viva, em diálogo com o ambiente.

O gesto artístico se estende ao solo, ao ciclo das chuvas, às folhas que caem e renascem.

Cada peça carrega tempo coletivo e escuta do lugar. São corpos em relação, totens, brinquedos rituais que evocam a memória e convidam à reexistência.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Na Curva da Munguba, arte e natureza se entrelaçam num espaço de reinvenção contínua. Esculpir é escutar a terra e oferecer, com o corpo da arte, uma forma de permanecer vivo com ela.

por Marco Aurélio Damaceno

A experiência do módulo inicialmente denominado de *Parque de esculturas da Curva da Munguba* configurou-se como uma prática pedagógica de muita vitalidade política. Entre nós, grupo de docentes em diferentes instâncias nas disciplinas envolvidas, o conceito de *parque*, historicamente contornado pela ideia de um espaço delimitado e cercado para a caça, foi se mostrando contraditório com os princípios quilombistas, coletivos e contra-hegemônicos que nos moviam.

Essa contradição não foi consenso, pois nos dividimos e pautamos um extenso debate sobre qual perspectiva ético-estético-política seria mais ressonante com o movimento em curso no território, que se abre e envolve o Laborateliê, umbigo e semente da proposta.

parque

1. terreno relativamente extenso, cercado e arborizado, destinado à recreação.

2. grande jardim murado.

3. jardim público arborizado para lazer.

4. área destinada ao serviço e manutenção ou acomodação de viaturas, aeronaves ou material de artilharia.

Destacamos duas falas do professor Marco Aurélio Damaceno, como síntese desta reflexão e debate:

M. A. D. : “Eu estou envolvido com este projeto no meu dia-a-dia, como artista e professor no lugar da universidade, e assim como o *Laboratelier*, que já nasceu como uma proposta de escultura no espaço público, investir tempo e energia em colocar esculturas neste mesmo espaço tem sido minha batalha. É justamente por isso que estou me manifestando aqui.

O nome de *Terreiro*, no momento atual, como ação-artística-e-política-social, é o que eu mais me identifico e vem a calhar com a nossa atualidade e a emergência de repensarmos a linguagem moldada pelo colonialismo. Infelizmente, ainda paira um medo muito grande de assumirmos termos que nos conduzam ao pertencimento da fenomenologia da nossa identidade. (...) A grande questão é, no meu lugar de artista:

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

até quando vamos ficar com medo de romper as estruturas estabelecidas, se a arte existe como agente de transformação na contemporaneidade?

É uma questão ética com as nossas raízes. Como já disse - e bato mais uma vez nessa tecla, pra mim é um compromisso com a arte e com a nossa identidade de brasileiro e eu, particularmente, como **arte-vista** não consigo passar por cima desta ideia para alimentar a burocracia da nossa instituição e mais uma vez cometer o crime, como brasileiro, de negar a autenticidade antropofágica dos nossos ancestrais (povo de matriz africana no Brasil e povos originários)."

Durante o AIPIN 2024, na disciplina de Escultura, realizamos uma obra coletiva **Encruzilhadas**.

A obra surge a partir do reaproveitamento de materiais descartados da universidade, principalmente peças de madeira que, ao se cruzarem, formam uma grande estrutura em “X” – um ponto de encontro, de travessia e de passagem.

Cada participante produziu pequenos trabalhos em madeira e outros materiais, inserindo-os na peça central, criando um processo vivo em que gesto, memória e corpo se entrelaçam.

A encruzilhada, símbolo presente nas cosmologias afroindígenas, é entendida como lugar de movimento, de transformação e de encontros. É onde caminhos se encontram e se bifurcam, onde o passado ecoa no presente e novas direções se abrem. No dia a dia, todos nós habitamos encruzilhadas – momentos em que somos convidados a rever a forma de ver, sentir e pensar o mundo.

Cada trabalho inserido nessa escultura dá sentido à própria encruzilhada, funcionando como um gesto simbólico, quase como um despacho que ativa e consagra o espaço. Assim como nos terreiros,

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

onde oferendas abrem diálogo com forças ancestrais, cada contribuição dos estudantes cria um elo com memórias, afetos e saberes.

A escultura se torna, assim, mais do que uma estrutura de madeira: é território ritual e coletivo, lugar onde histórias individuais se encontram, se cruzam e se multiplicam. No espaço da universidade, ela atualiza a potência ancestral da encruzilhada como lugar de criação compartilhada, de encontros entre culturas e de permanente reinvenção do viver.



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de Lucas e Quirino



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



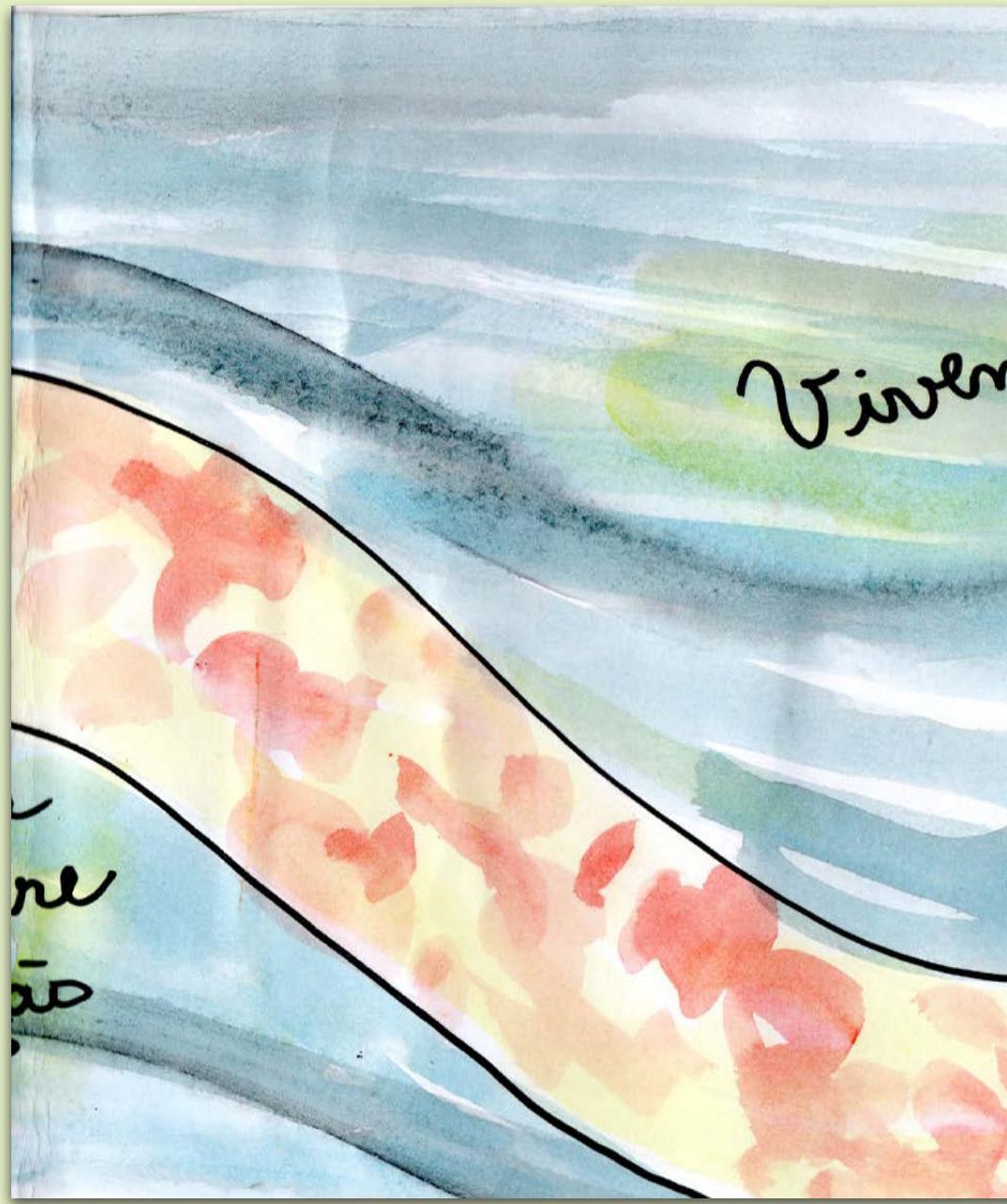


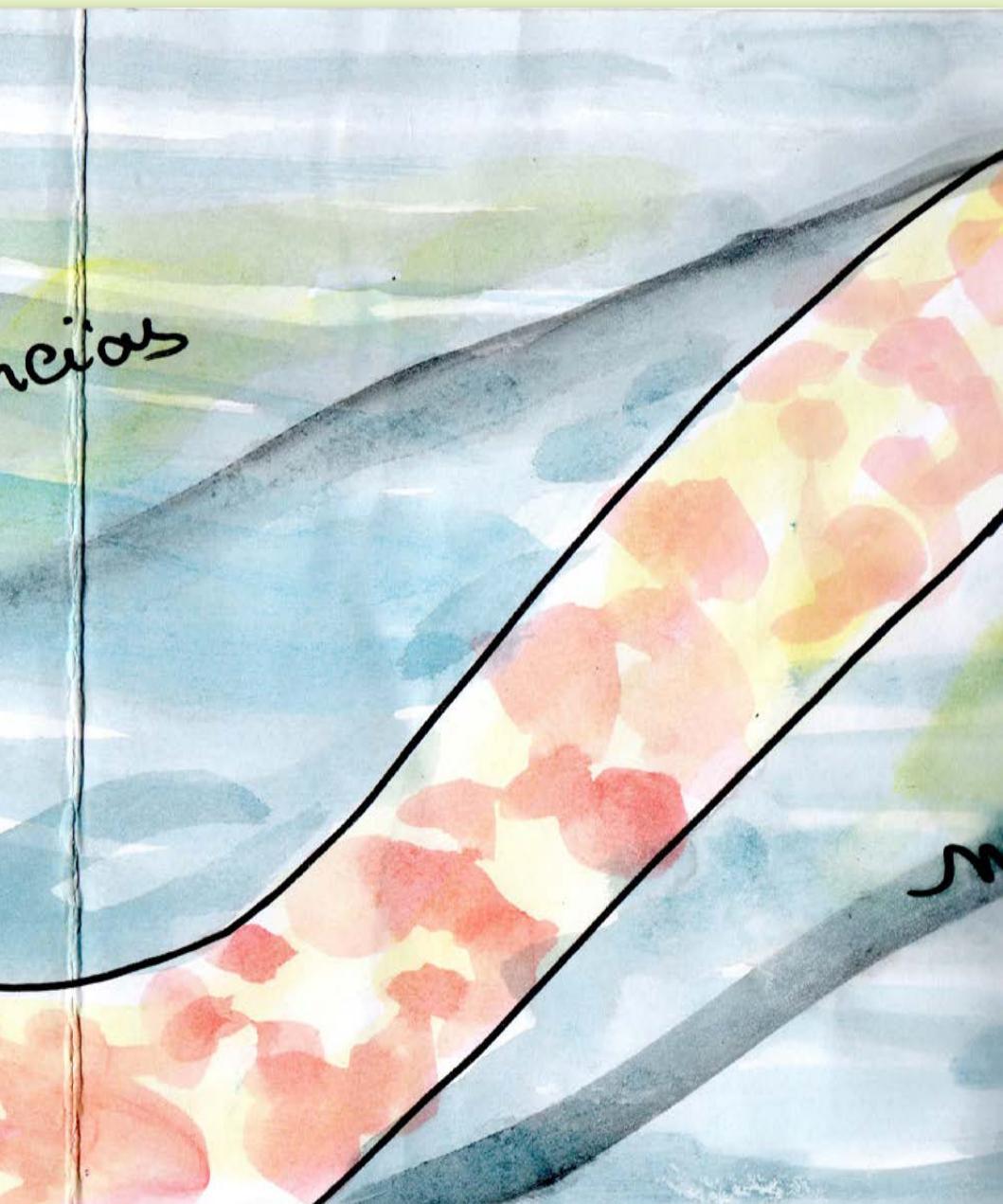
Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba





Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba





Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

HISTÓRICO DO LABORATELIÊ

Após retornar do Doutorado, no primeiro semestre de 2018, o professor Dr. Marco Aurélio Damasceno, artista, pesquisador e docente do Departamento de Artes Visuais da UFPB, verificou que nos cursos de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) não havia uma sala apropriada para as aulas de escultura. Partindo da necessidade da criação de um ateliê de esculturas para os discentes do Curso de Artes Visuais nasceu o Laborateliê: laboratório e ateliê de esculturas, que passou a existir formalmente no segundo semestre de 2018.

O Laborateliê surgiu da necessidade de um espaço para prática de escultura e foi criado em parceria com os estudantes, ocupando progressivamente uma casa abandonada, antes subutilizada como depósito de lixo pelo Restaurante Universitário (RU). Essa área, situada atrás do RU, nas proximidades do Centro de Comunicação Turismo e Artes (CCTA) é também chamada de Curva da Munguba.

Introdução à Museologia/Laborateliê

O espaço foi provisoriamente cedido pela direção do RU como ateliê de esculturas, mas a prefeitura do Campus, que também usava a casa para descarte, negou a cessão oficial ao curso de Artes Visuais. Com a chave em mãos, o Professor Marco Aurélio visitou o local e, vendo a importância político-educativa da conquista do espaço, decidiu que intervir era necessário.

Como estratégia de ocupação, foi realizada a intervenção artística “Três-em-Um”, que consistiu em três ações: limpar, ocupar e revitalizar o espaço. Durante o processo, foram produzidas três obras.

A instalação *Armadilha Psicológica*, feita com madeiras coletadas no local, foi montada de forma a bloquear o acesso à casa, impedindo que a empresa de lixo voltasse a utilizá-la. A disposição das madeiras funcionava tanto como uma armadilha quanto como uma instalação artística e política, reivindicando o uso ativo e educativo do espaço. A segunda obra, *Jogo de Resistência*, foi uma performance de capoeira Angola realizada dentro da casa, marcando simbolicamente a ocupação do território e afirmando a presença do curso de Artes Visuais no local. Por fim, a escultura *Monstro Rever-Lixo*

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

foi criada a partir de materiais descartados recolhidos nas imediações do Laborateliê. A obra questionava a relação entre o lixo e o espaço, transformando resíduos em arte e ressignificando objetos descartados. Logo após as intervenções e reuniões para negociações, a Reitoria concedeu formalmente o uso do espaço ao Curso de Artes Visuais.

Ainda em 2024, o Laborateliê permanece em resistência. Situado em um ambiente que promove a conexão com a natureza, ele se configura como um território de experimentação contínua, onde arte, paisagem e prática pedagógica se entrelaçam. No entanto, persiste uma disputa relacionada ao Laborateliê, devido ao uso indevido das caçambas de lixo naquele espaço. A luta por revitalização e adequação do ambiente é contínua desde o início da ocupação em 2018, envolvendo não apenas a reconfiguração do espaço, mas também os desafios enfrentados com a falta de apoio e verba para a compra de materiais e ferramentas utilizados nas aulas, além de adequações de infraestrutura.

Introdução à Museologia/Laborateliê

Como resultado dessas intervenções e conquistas, o Laborateliê se consolida como um espaço interdisciplinar de criação e experimentação, onde se desenvolvem disciplinas de escultura, exposições, cursos de extensão, pesquisa e práticas de Capoeira Angola. Com o propósito de integrar ensino, pesquisa e extensão, o Laborateliê fomenta a colaboração com outras áreas do conhecimento, ampliando as possibilidades de aprendizado e criação.

O grupo de capoeira *Angola Omuongo Mutálambô* também integra as atividades do Laborateliê, trazendo experiências culturais, corporais e didáticas que conectam arte, estética, movimento e ancestralidade. Esse conjunto de ações reafirma o Laborateliê como um espaço orgânico e multifacetado, onde a arte se expande por meio do trabalho coletivo e do diálogo com a diversidade cultural.

No Laborateliê, a coletividade é um pilar fundamental, com ênfase no pensamento circular, que desafia a linearidade tradicional e propõe um ciclo contínuo de aprendizagem e criação. Nesse processo, o fim de uma obra nunca é definitivo, mas sim o ponto de partida para novas interações. No pensamento circular nada

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

se repete, tudo se transforma. A reutilização de materiais encontrados no ambiente é um elemento central, refletindo um compromisso com a sustentabilidade e o reaproveitamento, onde o ciclo de pensamento se estende à própria matéria, que, assim como as ideias, está sempre em transformação.

O Laborateliê promove discussões sobre temporalidades, incentivando a criação de esculturas que desafiam a noção de permanência e se alinham ao pensamento circular e ancestral. Como uma intervenção escultórica, o Laborateliê enfatiza a importância do trabalho coletivo e da iniciativa estudantil.

As esculturas criadas pelo professor Marco Aurélio e pelos discentes dos cursos de Artes Visuais formam o Laborateliê e a Curva da Munguba, fortalecendo esses territórios poéticos e os processos de ocupação de territórios na UFPB, destacando o campo das Artes Visuais como uma dimensão da produção de subjetividade, sociabilidade e afetos.

Introdução à Museologia/Laborateliê



A CURVA DA MUNGUBA

A Curva da Munguba está localizada no Campus I da UFPB, situado em João Pessoa, Paraíba e faz parte do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA). A Curva da Munguba, como parte integrante do Laborateliê, é fruto de um processo de ocupação e resistência, que reivindica a necessidade de um

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

espaço adequado para a prática e exposição de esculturas.

A Curva da Munguba está em um ambiente de conexão com a natureza e se configura como um território de experimentação contínua, onde arte, paisagem e prática pedagógica se entrelaçam. Com o Laborateliê como ponto de partida, a Curva da Munguba se propõe enquanto espaço de experimentações em escultura expandida, estimulando uma abordagem que transcende os limites tradicionais da escultura ao promover um diálogo entre arte, espaço e natureza, mobilizando afetos e convivências por meio de práticas coletivas.

O nome “Curva da Munguba”, já oficialmente utilizado pelo campus universitário, foi incorporado a este projeto coletivo, ressignificando o espaço como um local de criação. A Munguba, uma árvore nativa que ali habita e que constantemente renasce de seus próprios troncos, simboliza o ciclo eterno da vida. Esse processo inspira uma abordagem fluida e aberta à criação, permitindo que as obras se transformem ao longo do tempo e dialoguem com as mudanças naturais e humanas do entorno. Compreender o tempo como cíclico, e

Introdução à Museologia/Laborateliê

não linear, possibilita uma reintegração contínua das práticas artísticas e pedagógicas.

A seguir, serão apresentadas a missão, visão e valores que norteiam esta iniciativa.

MISSÃO

Promover a experimentação artística por meio de atividades de pesquisa, ensino e extensão, reconectando o ser humano com a natureza e a ancestralidade no campo da escultura expandida.

VISÃO

Consolidar a Curva da Munguba como um espaço dedicado à arte e à escultura expandida, por meio da criação e instalação de esculturas e obras que dialoguem com o espaço, promovendo ações voltadas ao ensino, pesquisa e extensão.

VALORES

- Acolhimento da diversidade;
- Sustentabilidade socioambiental;
- Criação de um ambiente acolhedor para diversas culturas, tradições e visões;
- Experimentação nas conexões entre arte, natureza e escultura expandida.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

ESCALDARIA

Título: A Carteira do Rei

Ano de Produção: 2008-2009

Tipologia: Escultura em madeira

Autoria: Obra coletiva sob orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Damaceno

Localização Atual: Em frente à Biblioteca Central da UFPB

Contexto: A escultura “Cadeira do Rei”, produzida entre 2008 e 2009 nas aulas de escultura, antes da criação do Laborateliê (2018), foi inicialmente instalada na entrada do CCTA como crítica à falta de espaço adequado para prática de escultura. Após gerar incômodo e ser removida, foi transferida para a Biblioteca Central, onde se tornou um ícone do campus. A obra surgiu em um contexto político de abandono, com móveis descartados, incluindo cadeiras, que serviram como base para a escultura. Em 2024, passa por restauração realizada pelo Laborateliê em parceria com a Biblioteca, Reitoria e a equipe do Seinfra.

Introdução à Museologia/Laborateliê



A Carteira do Rei, 2008-2009

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



A Carteira do Rei, 2008-2009

Introdução à Museologia/Laborateliê

Título: Armadilha Psicológica

Ano: 2018

Tipologia: Instalação

Autoria: Obra coletiva sob orientação do Prof. Dr. Marco Aurélio Damaceno

Contexto: Em 2018, devido à falta de espaço para as aulas de escultura no CCTA, foi ocupado o local que hoje se tornou o Laborateliê, anteriormente subutilizado como depósito de materiais recicláveis. Durante as disputas para formalizar a ocupação desse espaço para o curso de Artes Visuais, o professor Marco Aurélio, em parceria com discentes do curso, como Vitu, decidiram criar uma instalação utilizando madeiras abandonadas no local. A instalação foi chamada de Armadilha Psicológica, como uma forma de impedir que a empresa de lixo voltasse a ocupar o espaço. A disposição das madeiras bloqueia o acesso à casa, funcionando, de fato, tanto como uma armadilha quanto como uma instalação política que reivindicava o uso ativo e educativo do espaço.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



Armadilha Psicológica, 2018

Introdução à Museologia/Laborateliê

Título: Aranha-Céu (Aracnoxana)

Ano: 2019

Tipologia: Escultura com estrutura de vergalhões de ferro e garrafas pet

Contexto: O nome inicial da escultura coletiva foi Aracnoxana. A obra foi inicialmente concebida como uma homenagem ao feminino em simbiose com a natureza, além de estabelecer uma aproximação com o trabalho da artista Louise Bourgeois, conhecida por suas esculturas de aranhas gigantes. Originalmente, a escultura foi construída com vergalhões de madeira e montada no areião do CCTA, em frente à Galeria Lavandeira. Durante a pandemia, a aranha foi retirada e descartada atrás do Centro Acadêmico de Artes Visuais. Com o retorno das aulas, os materiais foram então recolhidos, levados de volta ao Laborateliê e restaurados. Durante a restauração, os pés de madeira foram substituídos por garrafas PET para proporcionar mais leveza e movimento à obra e o nome da escultura foi alterado para Aranha-Céu.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



Aranha-Céu (Aracnoxana), 2019

Introdução à Museologia/Laborateliê



Aranha-Céu (Aracnoxana), 2019



ESCALADA
EM
CONSTRUÇÃO

Introdução à Museologia/Laborateliê



Sem-título, 2022

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



Sem-título, 2022

Introdução à Museologia/Laborateliê

Título: Monstro Rever-Lixo.

Ano: 2018

Tipologia: Escultura com diferentes materiais

Autoria: Marco Aurélio Damaceno, Aurora Caballero, Vitu e Phellipe Davanço.



Monstro Rever-Lixo, 2018

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Título: Estrela 9.

Ano: 2021

Tipologia: Escultura coletiva realizada com madeiras que compunham a instalação Armadilha Psicológica.

Contexto: Durante a pandemia, a obra, de aproximadamente 5 metros, caiu e foi retirada do local, ficando apenas registros. Ela foi feita com as madeiras da instalação Armadilha Psicológica.



Estrela-9, 2021

Introdução à Museologia/Laborateliê



Monolixo (Pirâmide de Descarrego), 2022

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



OVO, 2024



OMUCONGO CAPOEIRA
ANGOLA ▶

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

INTERVENÇÕES EFÉMERAS

A disciplina de Introdução à Museologia, ministrada pela Profa. Sabrina Melo, propôs essa atividade com o objetivo de explorar a interação dos alunos com o espaço da Curva da Munguba e repensar a concepção de museu, objeto e documentação museológica da arte contemporânea de forma expandida. Os discentes foram convidados a criar intervenções efêmeras que dialogassem com o ambiente, inspiradas pelos conceitos de “contágio” e “fluxos”.

A proposta incentivou a observar como seus objetos poderiam influenciar quanto ser influenciados pelas esculturas já existentes na Curva da Munguba e pelo espaço ao redor. Além da criação das intervenções, os alunos também foram desafiados a planejar estratégias de documentação museológica, refletindo sobre como registrar e preservar a memória de obras efêmeras dentro do contexto da arte contemporânea.

Introdução à Museologia/Laborateliê

EMBU-GUAÇU (“COBRA GRANDE”)

Integrantes: JOYCE ELLEN, LUIZ QUIRINO, MAURICIO JORGE, OLIVER ETHYLEEN, RENATO SANTOS, CESAR EDUARDO, VIVIANE BARBOSA, RAY VENÂNCIO NASCIMENTO, THAYANE RIBEIRO, IGOR NÓBREGA, GAB RODRIGUES, EMANUELLY RODRIGUES, GABRIELLE VITÓRIA COSTA CLAUDINO, ANTÔNIO PEDRO, ARIANE SOARES, ISABELA ZIMBRUNES, JULIANA FREIRE

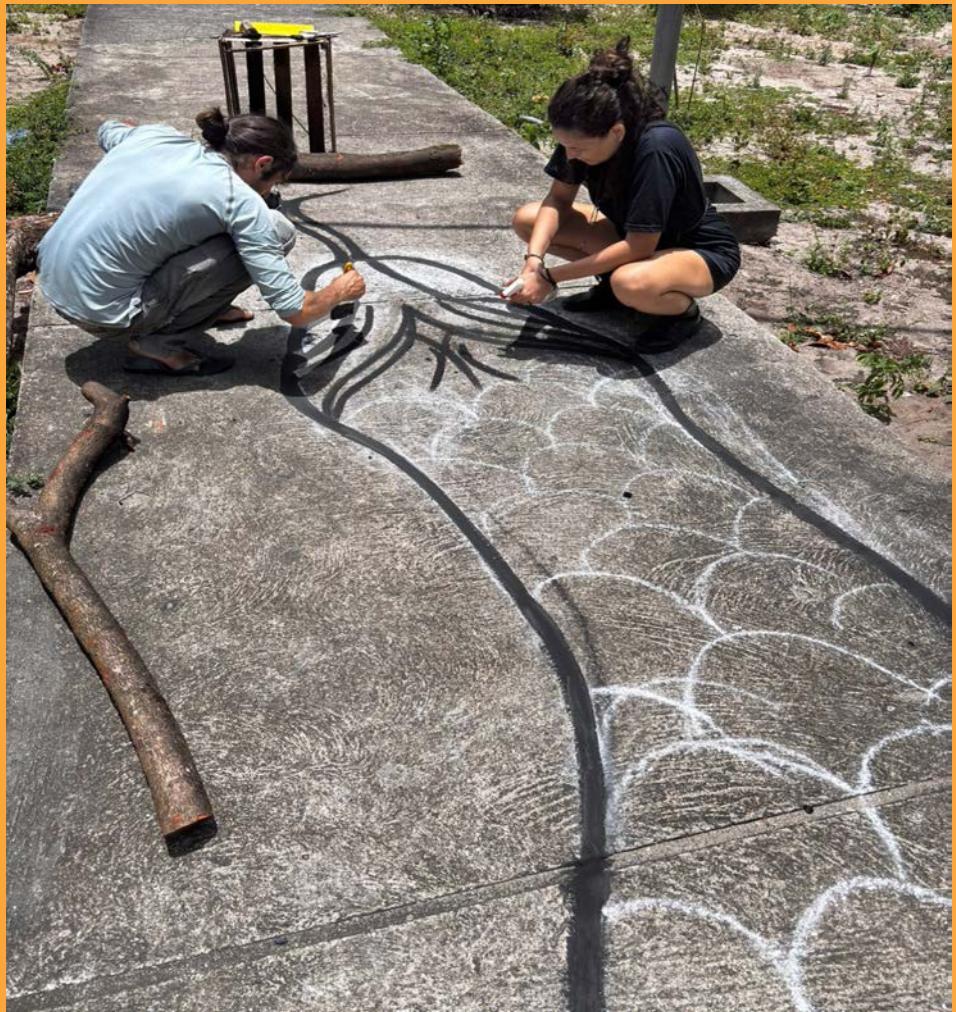
Descrição:

“Embu-Guaçu (Cobra Grande)” é uma intervenção site-specific concebida para a Curva da Munguba. A obra consiste em uma serpente de 22 metros de comprimento e 80 centímetros de largura, pintada com pigmentos inspirados na flor da Munguba, nas cores preto, amarelo e vermelho. Feita com cimento e pigmento xadrez, a serpente percorre o caminho sinuoso da Curva da Munguba, simbolizando memória e transformação. Cada curva da serpente reflete escolhas e memórias deixadas para trás, marcando o processo de crescimento que nos impulsiona a seguir adiante.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Concebida como uma intervenção efêmera, a pintura da serpente desvanece ao longo do tempo, sem necessidade de manutenção, destacando a impermanência das memórias e a relação entre passado, presente e futuro, ou com o pensamento circular. O processo de criação foi conduzido de maneira colaborativa, a partir de uma abordagem teórica discutida pelo coletivo artístico. Seguindo um cronograma previamente estabelecido, a equipe realizou o projeto físico nos turnos da manhã e tarde, no dia 1º de outubro de 2024. Cada etapa foi documentada, registrando o esforço coletivo na tradução das ideias em realidade.”

Introdução à Museologia/Laborateliê



registros da ação: embu-guaçu, 2024







NÃO OLHE



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Cartas para Munguba

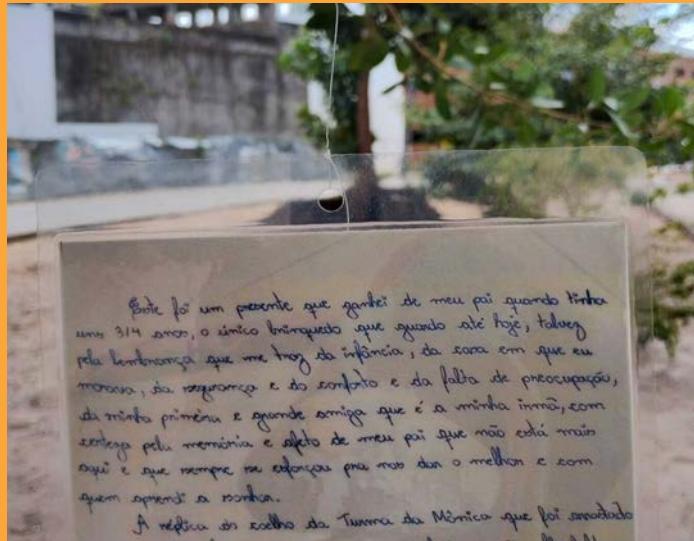
Grupo: Emanuelly Guedes; Suzana Lacerda; Karen Natale; William Pedro; Erynnunes Santos; Ana Beatriz Lustosa; Roberta Leite; Maria Clara Lima Alves; Allana Barros; Isabelle da Costa Avellar; Lucas Henrique; Kamyla Aires; Anabel Viana; Letícia Paschoalick; Caroline Del Rio Degenari; Elainy Anastácio.

Descrição: A obra consiste em uma instalação site-specific que está disposta em algumas das árvores que compõem o trajeto da Curva da Munguba. Neste sentido, os galhos das árvores se tornaram suportes para cartões com impressão de imagens e textos, plastificados para conservação, contendo uma imagem que representa memórias (frente) e uma carta sobre como essa lembrança afeta os artistas participantes (verso). Além disso, a obra é composta por dois sinos dos ventos, que também estão fixados em árvores do ambiente, criando uma espécie de mólide, com referência a Alexander Calder.

Introdução à Museologia/Laborateliê

O intuito é que o site-specific, a partir dos e movimentos dos cartões e sons produzidos pelos sinos dos ventos, chame atenção das pessoas que passarem pelo espaço e desperte nelas a curiosidade acessar as memórias compartilhadas pelo espaço da Curva da Munguba. Processo, que, consequentemente, possibilitará que esses dediquem mais atenção ao ambiente no geral, estendo sua percepção à diversidade de árvores e outros seres vivos presentes no ambiente, demais obras dispostas pelo espaço, Laborateliê, sala de fornos para queimas de cerâmica, compostoras e depósitos de lixo, também localizados no espaço. Assim, esperamos despertar mais consciência ambiental sobre os espaços que compõem a Universidade e sobre a potencialidade de ações interventivas nesses ambientes.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



registros da ação: cartas para Munguba, 2024

PACHIRA Aubl. PROVISION-TREE

guttate leaves; fruit twice as long as broad, pointed at apex. — L. F. Voss. *Pl. Amer.* 1. P. aquatica, Aubl.
Leaves革质-pubescent beneath; fruit less than twice as long as broad, rounded at apex. — D. F. Williams Pittier.
P. aquatica is of frequent occurrence on the Atlantic slope, growing in moist forest in damp, well-drained soil or on banked trees which have large, smooth trunks and few visible branches; the leaves are 7-nerved oblongolate leaflets which are usually pointed at apex. The large flowers are pinkish, the slender tube 8 to 11 cm. long. The fruit is round, 15 to 28 cm. in diameter, hard and heavy, the brown seeds embedded in solid white flesh. The trees are often so heavily loaded with the enormous fruits that it is hard to understand how the branches can support such a load. The tree is common all along the Atlantic coast of Central America, especially in swamp. In some localities the large seeds are mashed and eaten like chestnuts. It is reported that in the Guianas the young leaves are used as vegetable greens. On the coast of Nicaragua the seeds are called "peaks meat". In Guatemala the tree is called "salsa" and "unampate"; in Honduras "rapota" and "pequepochote"; in Salvador, where it is planted, "shis blanco"; in Mexico "zapote húbo" and "zapote do agua"; in Cuba "chile de agua" and "pasto olivoso".

Curva

Design e Diagramação
Viviane Barbosa



Munguba



BAIRRO DOS VENTOS







Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



A **Encruzilhada** foi a última obra coletiva feita pelos alunos da disciplina de Escultura (2024) com mediação de Marco Aurélio Damaceno.

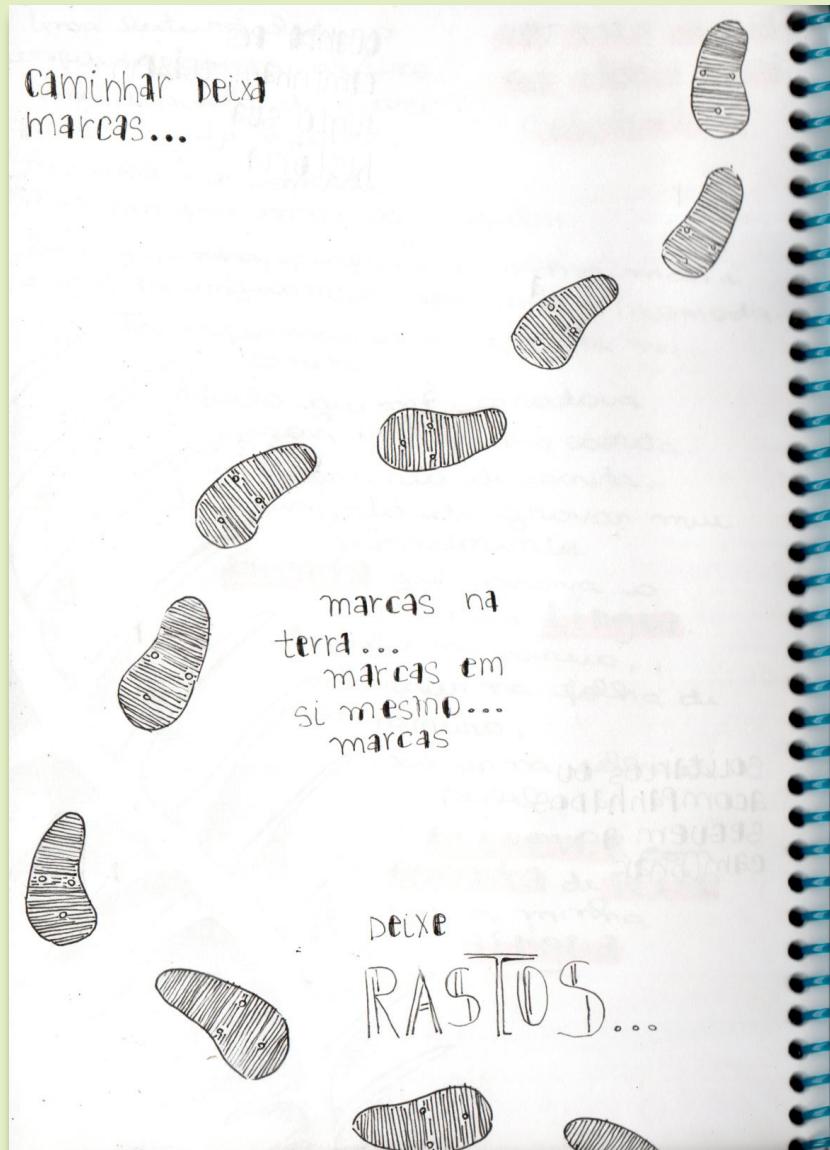
Escultura







Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

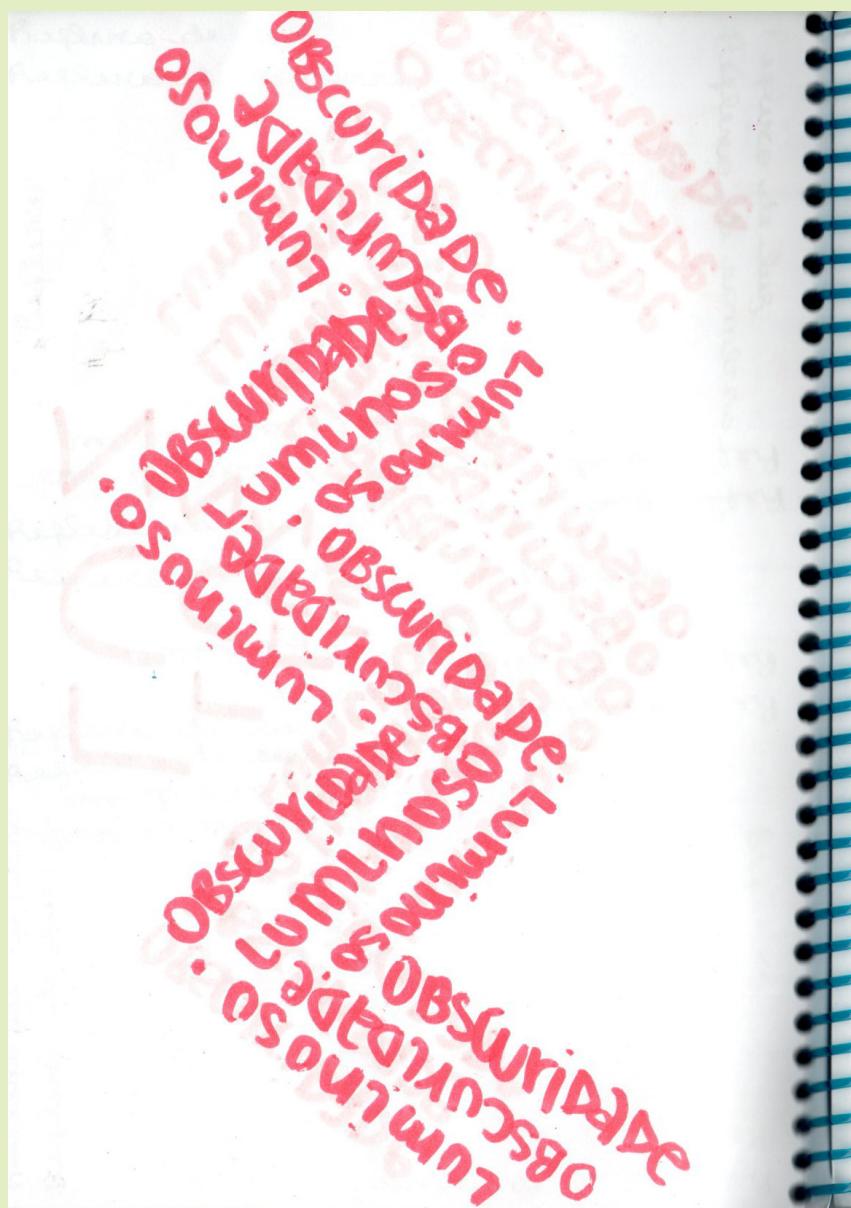


caderno educativo de Ayane



Por onde esses
Pés andam?

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



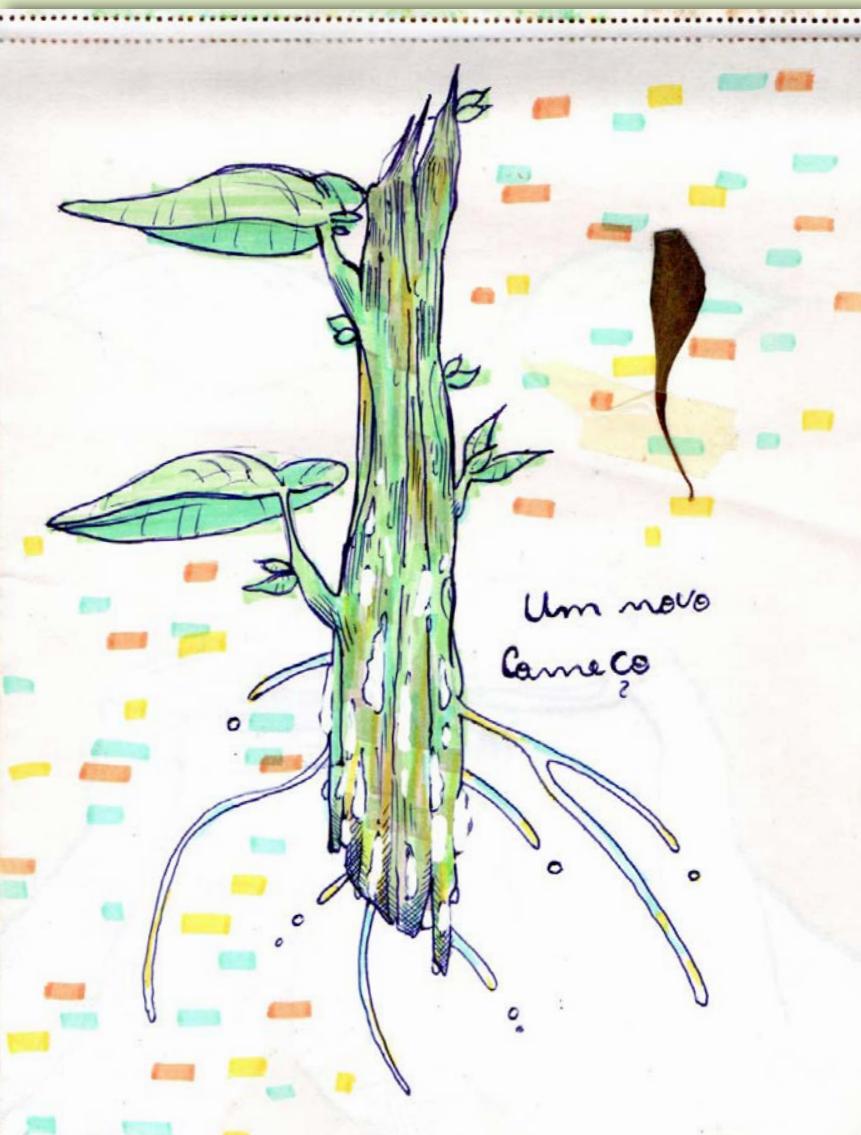
caderno educativo de Ayane

SOMBRA-SOMBRA-SOMBRA-SOMBRA-SOMBRA
Luz Luz Luz Luz Luz
SOMBRA-SOMBRA-SOMBRA-SOMBRA-SOMBRA
Luz Luz Luz Luz Luz

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

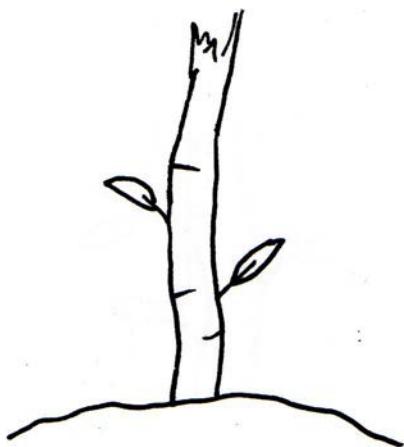


caderno educativo de Color



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

UM BROTO



caderno educativo de William Pedro



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de William Pedro



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de William Pedro



Tempo
do
Margaridão

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

AÇÕES EDUCATIVAS

As ações de mediação para o seminário “Do Parque ao Terreiro de Esculturas” foram concebidas pelos/pelas estudantes da disciplina “Ensino de Artes em Instituições Sociais e Culturais”, sob a orientação da professora Cacá Fonseca. São experiências de aproximação, sensibilização e ativação a partir desse território poético.

O enunciado da atividade foi o seguinte:

“Elaborar a proposta conceitual de um programa educativo para o Parque de Esculturas da Curva da Munguba a partir de um conceito ou a articulação de alguns conceitos que têm sido referências no curso.

O programa educativo é estruturado por imagens (fotografias, desenhos, diagramas, mapas mentais, vídeos) e por textos (dissertativos, poesia, enunciados diversos) e deve ser apresentado materialmente, impresso.

O Programa Educativo deve ativar, mediar, traduzir e mobilizar processos educativos de natureza poética e conceitual junto ao território do Parque de Esculturas da Curva da Munguba.”

ABERTURA DO SEMINÁRIO:

LADAINHA TERREIRO DE ESCULTURAS

por Cacá Fonseca

IÊEEEE

O terreiro de escultura
nasceu como uma semente
um espaço acolhedor
reuniu foi gente
Lá na curva da munguba
nasceu como uma serpente
guardiã de todos seres
ancestral está presente

Assentado sob a mata
território em mutação
Laborateliê quilombo
é também a proteção
de uma esquina
encruzilhada
meus irmão vamos saudar
Aroeira Abacate
Margaridão é pra brotar

Eu que nunca duvidei
nem pretendo duvidar
ver a vida e a arte
a floresta encantar
isso tudo é conversa pra
viver e celebrar

o senhô amigo meu
ouça bem o meu cantá
quem v~e hj não acredita
mas o tempo vai mostra
camaradinha

Arunadê
Iê a capoeira
Iê viva meu Deus
Iê viva a arte

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

MediAção: Semeando Arte

Rebeca Barbosa, Lindayane Nunes,
Emanuelly Guedes e Elainy Anastácio

A ação educativa “Semeando arte na Curva da Munguba” tem como proposta produzir visualmente sobre o conceito de semente, em relação à sua concepção ecológica e filosófica na representação da ideia de potência. A ação também pretende realizar diálogos sobre a temática sócio-ambiental das distribuições de sementes, a exemplo da iniciativa Rede de Sementes do Xingu. A oficina irá promover o contato com diversas de espécies de sementes e seu processo de germinação. Ao final da vivência, os participantes poderão produzir um fanzine, produção de cunho visual e/ou textual que condensa narrativas. Consideramos este um suporte que carrega a potência de semear e difundir informações de forma acessível. A oficina é aberta para todos os públicos e os materiais serão disponibilizados pelas ministrantes, tornando facultativo o uso de materiais pessoais.



registros da ação: Mediação - Semeando Arte, 2024

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

**Tempo da Munguba: um Ensaio sobre
Interções Temporais**

Ery Nunes, Willian Pedro

Qual o tempo inscrito nas transformações do espaço? É possível que o espaço se faça uma cápsula do tempo? Tempo-Munguba é um ensaio conceitual sobre as temporalidades e as relações entre os corpos e o lugar que ocupam, é um caminho sobre o qual serão dispostas essas inscrições temporais que compõem o todo. O ensaio ocorrerá por meio da construção de um módulo efêmero a partir da coleta de objetos-índices que apresentam as marcas temporais que estabelecem interações moduladoras no espaço.



registros da ação: Tempo da Munguba, 2024

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Solo Temporário

Color Canutto da França Iara Araújo
Cavalcanti Sobral Leticia Maria Gomes
de Oliveira Souza Radmila Lua Lordão
Nunes

“Onde a criança se encontra na galeria de arte?”

Assim, trazemos à tona o questionamento que aborda, de maneira paralela, a posição do indivíduo infantil dentro da sala de aula. Embora a criança esteja em uma fase de pleno desenvolvimento e descobrimento do mundo ao seu redor, o sistema educativo a coloca em uma posição de inferioridade, na qual ela raramente é vista como protagonista nas dinâmicas sociais. Suas experiências são frequentemente apagadas, e ela passa grande parte de sua infância em silêncio, assistindo a aulas que não despertam seu interesse. Diante desse cenário, cabe ao educador, como responsável por esse processo, acessar o coração de seus educandos por meio de uma prática pedagógica sensível e envolvente.

Com base nesse pensamento, desenvolvemos uma proposta poética para uma escultura interativa, na qual se cria um campo fictício que coloca o indivíduo infantil no centro e como ponto focal da instalação. Essa abordagem visa não apenas estimular a

participação ativa da criança, mas também ressignificar sua presença no espaço artístico, conferindo-lhe o protagonismo que, muitas vezes, lhe é negado nas esferas sociais e educacionais tradicionais.

Tendo em base o local indicado para o parque de esculturas na Curva da Munguba, o projeto foi planejado considerando os recursos disponíveis juntamente das abordagens das educadoras mencionadas e o questionamento feito acima.

A proposta inclui a instalação de um tanque de areia de tamanho significativo, permitindo que várias crianças brinquem, mexam, toquem e se movimentem ao mesmo tempo. Dentro do tanque, utilizaremos areia e outros tipos de solo, todos devidamente higienizados, para oferecer diferentes sensações táteis.

Além disso, serão disponibilizados materiais, como baldes, moldes e pequenas pás, para que as crianças possam explorar sua criatividade e vivenciar diferentes experiências sensoriais livremente.

O objetivo final é proporcionar às crianças a liberdade cognitiva, permitindo que se expressem livremente. Queremos que elas se conectem com o ambiente, sintam e observem as diferentes texturas e formas.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

“Que a movência seja companhia no tempo: uma chave, uma flecha, uma fenda onde se possa nascer de novo.” (KRUCKEN, 2021, s/página)

Desejamos que os protagonistas se conectem com o ambiente, experimentem e observem as diferentes texturas e formas presentes na instalação. Uma das nossas referências é Marlene Almeida, artista visual brasileira renomada que se destaca por suas obras que exploram a relação entre o espaço, o corpo e a sensibilidade humana. Seu trabalho é marcado por uma linguagem plástica que utiliza uma diversidade de materiais e técnicas, criando esculturas e instalações interativas que instigam o espectador a uma participação ativa. A artista busca transformar o espaço expositivo em um lugar de experimentação e vivência, onde o público, especialmente crianças, podem explorar e interagir com suas criações de forma lúdica e sensorial. Essa aproximação entre arte e público reforça a ideia de que a experiência estética vai além da contemplação passiva, promovendo um diálogo direto entre a obra e o indivíduo.

De acordo com Georges Didi-Huberman, em seu livro Cascas, “[...] *Os solos falam conosco precisamente na medida em que sobrevivem e sobrevivem na medida em que os consideramos neutros, insignificantes, sem consequências. É justamente por isso que eles merecem nossa atenção. Eles são a casca da história.*”

No seu livro Cascas, Didi-Huberman visita o museu de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, em junho de 2011, e retorna com fotografias e algumas reflexões, uma delas citada acima. Esse pensamento está interligado ao projeto na medida em que o solo, ainda que seja um símbolo de brincadeiras e crescimento, também está intimamente ligado com a violência, visto que conflitos e mais conflitos se deram neste mesmo solo em que caminhamos e executamos o projeto. Mesmo com a intenção de ressignificar e transformar um ambiente marcado por lutas, é sempre importante remeter a essa origem, dar atenção a essa problemática, para que a história não seja esquecida.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Com todas as suas significações, o solo temporário foi pensado para ser um local de acolhimento e ressignificação, que outrora não era lugar nenhum.

Todavia, como ainda se encontra em desenvolvimento a habitação do parque de esculturas da Curva da Munguba, nosso primeiro projeto não conseguiria ser realizado a tempo de maneira totalmente segura para as crianças, logo, ao experienciar o interesse de uma professora do ensino básico sob a Curva da Munguba, achamos interessante trazer as crianças para ter o seu primeiro contato com o parque de escultura como forma de reconhecimento do território e sua história, para que futuramente, quando possível, realizar o projeto já sob o conhecimento e afinidade das crianças com o espaço.

Introduzi-las ao ambiente de maneira lúdica e segura não é uma tarefa fácil devido a insalubridade ainda existente no lugar, mas pensa-lo como espaço de afeto e futuramente de um lugar ativo e de criação constante de memórias ressalta a importância do seu crescimento sutil e em constante equilíbrio com a natureza e a sensibilidade do criar.



registros da ação: solo temporário, 2024

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



registros da ação: solo temporário, 2024



registros da ação: solo temporário, 2024

SOMBRA

Ayane de Santana Souza Barros, Hana Kinda Silva, Monique Enciso Torres Trajano

A árvore olhou para mim e eu olhei para ela, suas folhas unidas, juntas como um só formando uma grande comunidade, formando um único ser que nos abraça e acolhe, a Sombra.

De acordo com o dicionário, Sombra, um substantivo feminino, possui vários significados em nossa língua portuguesa. Sombra faz referência a intercepção da luz por um corpo, mas também pode vir a ser o viver na sombra, estar em solidão, ou quem sabe encontrar-se em um sentido figurado, quem acompanha ou persegue alguém, ou quem sabe uma maneira de chamar a escuridão, o que é escuro, o que vem a noite.

A sombra é um grande mistério. Convivemos com este ser desde que nos entendemos por gente ao ponto de muitos não lembrarem-se sobre seu primeiro encontro com ela. Esta fiel companheira nos segue de perto em silêncio ao longo de nossa vida e são muitos os que questionam-se sobre ela. Com tantos significados atribuídos a tal existência

mostra o quanto a humanidade pensa sobre sua constante modificação e flexibilidade, o dinamismo encontrado em seu seio.

O que é sombra? Seus significados cabe apenas à biologia? Jamais. Sombra desdobra seus membros sobre a biologia, psicologia e, em alguns momentos, para o espiritual e quem sabe o até mesmo o bíblico.

Mas afinal, qual o significado de sombra estaremos abordando em nosso trabalho? Nosso foco volta-se para a sombra das árvores, sombra que traz a todos a brisa fresca do verão ao mesmo tempo que alivia o calor escaldante que só vem aumentando cada vez mais ao decorrer dos anos e apenas tende a continuar dessa maneira, estamos presos em uma grande bola de fogo sem lugar para estar em sombra e água fresca. As árvores doam suas preciosas sombras sem pedir nada em troca, no entanto, nós as colocamos sob sombras distorcidas. As sombras que a humanidade estende para essas árvores é aquela do que deve permanecer escondido, algo sem importância e significado. À sombra da sociedade estão as árvores.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



registros da ação: sombra, 2024



registros da ação: sombra, 2024

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

COLETA DE RESÍDUOS PELA COMPOSTEIRA

Lucas Henrique Alvino Cordeiro, Luiz Querino do Nascimento Neto

A mediação consiste em usar o território ecológico como prática educativa, permitindo aprender com a terra e o processo de decomposição, além de lidar com o tempo das estações climáticas e com a influência da plantação. Com a adubação da terra que vem do Laborateliê, surge o movimento de exploração do território, onde os participantes podem identificar os alimentos cultivados, distinguir as folhas que estão presentes no local e aprender a nutrição das matérias orgânicas. Este trabalho coletivo incentiva para a limpeza da composteira e dos arredores que permeiam o local, promovendo a coleta de materiais não orgânicos e outros resíduos. A prática de caminhar pelo espaço incentiva reflexões ao público sobre a importância da preservação ambiental e a percepção do acúmulo de adubação que está presente.



registros da ação: coleta de resíduos, 2024

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



registros da ação: coleta de resíduos, 2024

Curva das folhas

Lethicia Andrade, Letícia Lima, Katê Tigre, Victória Soares

A ação do projeto Curva das folhas busca uma sensibilização com o território que abriga o emergente Terreiro de Esculturas Curva da Munguba localizado no Centro de Comunicação, Turismo e Artes na Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.

O intuito do projeto é elaborar uma intervenção que repense os movimentos que permeiam a existência desse espaço e, por meio de um gesto escultórico proposto pelo material didático “Caderno de Folhas”, abrir uma reflexão sobre os saberes que partem desse lugar e dos seres que ali habitam.

Uma das contemplações dessa ação é a busca por uma construção de um olhar sensível sobre a mata que cerca e compõe aquele território, um entendimento dos seres que a compõem como agentes transmissores de saberes e uma vivência que promova essa sensibilização e reflexão. Essa vivência propõe uma escrita conjunta com o espaço e a construção de um pensamento não-linear.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Convidamos vocês a pensar juntamente com o território da munguba onde a escrita e o pensamento tomam a forma de folha e a mata se revela um grande livro vivo.

A apresentação do material pedagógico “Caderno de Folhas” nesse contexto vem como um dispositivo de sensibilização para com a materialidade das folhas que compõem o território da Munguba e suas relações com a transmissão dos saberes da floresta.



registros da ação: curva das folhas, 2024



registros da ação: curva das folhas, 2024

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de Lethicia Andrade

SE ESCREVER DE
MUNDO

VER NO MUNDO

NO MUNDO

O MUNDO
É UM LIVRO

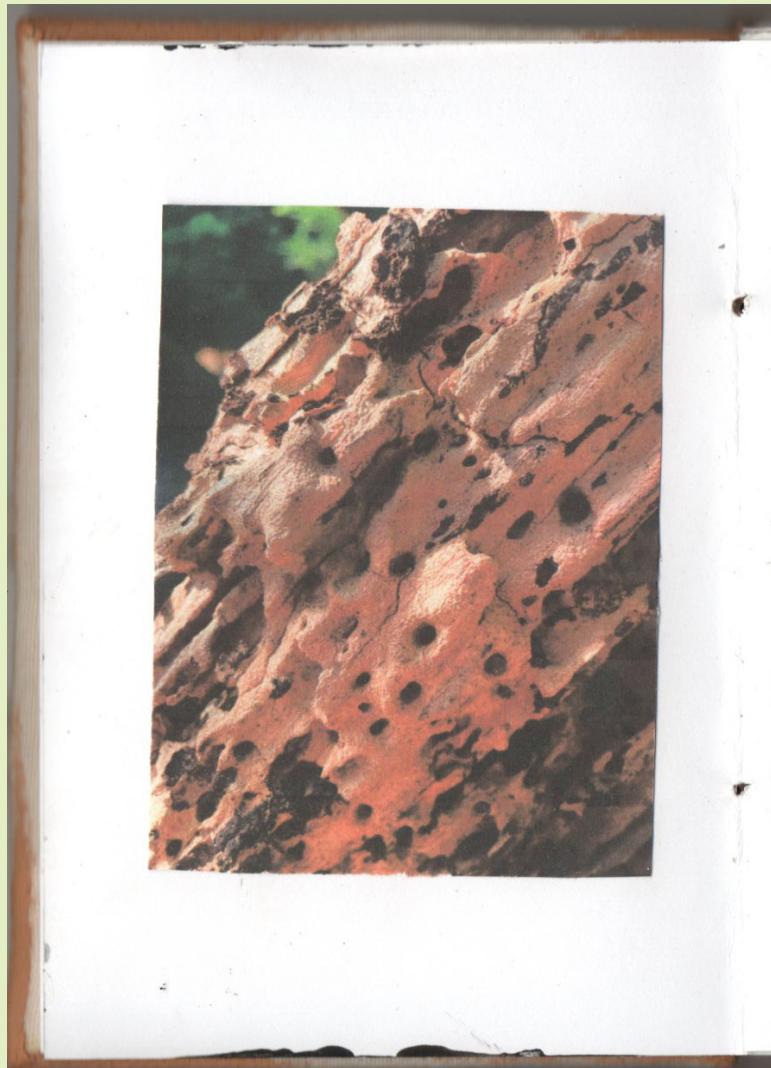
Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



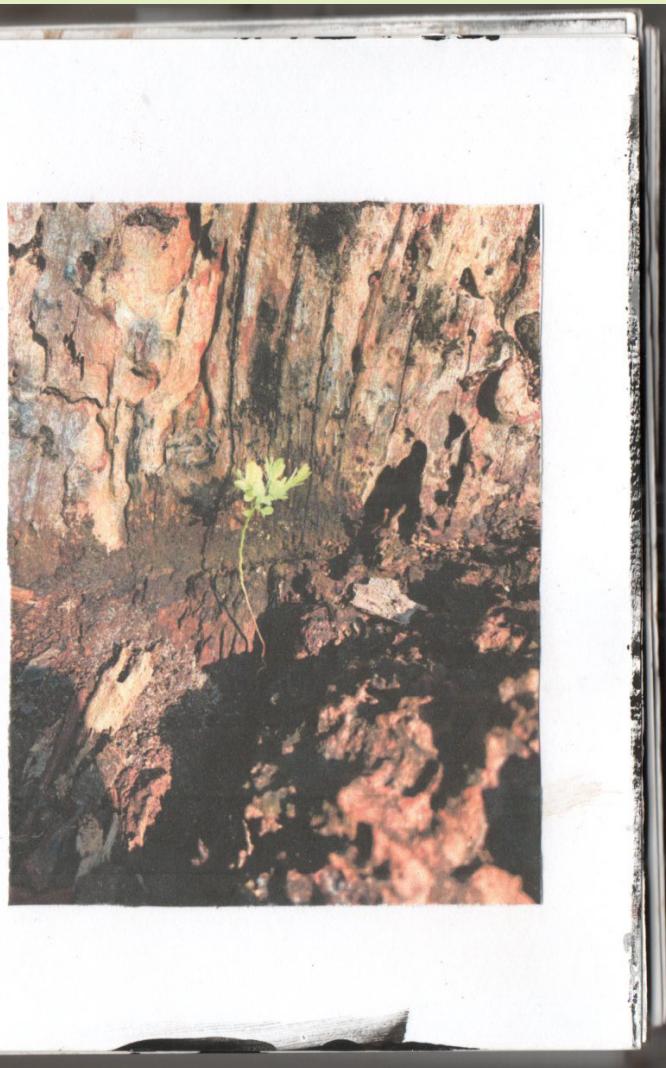
caderno educativo de Letícia Lima Farias



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de Leticia Lima Farias



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Memória de sala

A disciplina de *Análise das Linguagens Artísticas Contemporâneas* I foi estruturada com base em um percurso teórico que privilegiou o debate sobre as linguagens tridimensionais da arte, tomando como referência uma revisão crítica da história da escultura. O plano de ensino adotou uma abordagem ampla das diversas linguagens da Arte Contemporânea, partindo do surgimento do espaço moderno e do legado das vanguardas europeias do século XX até as práticas artísticas atuais.

A dinâmica da disciplina incorporou discussões sobre escultura social e arte em contexto, além de explorar os desdobramentos da escultura no campo ampliado, incluindo conceitos como site-specific, land art e as novas configurações dos museus de esculturas.

A primeira etapa da disciplina foi dedicada ao estudo da história da escultura, abordando suas definições, práticas e experimentações. Os alunos foram introduzidos ao vocabulário essencial da linguagem escultórica, compreendendo conceitos como *estátua*, termo derivado do grego hístanai, que significa “fazer ficar em pé”; *monumento*, palavra que tem origem no latim *monere*

(lembrar, preservar) e *mentum* (memória), referindo-se a obras que possuem função memorialística e simbólica no espaço público; e *escultura*, cujo sentido remonta ao latim *sculptura/sculpere* (esculpir, cinzelar, lavrar), enfatizando o gesto e o material como elementos estruturantes dessa prática artística. A disciplina ampliou a reflexão para abordagens contemporâneas da tridimensionalidade na arte, explorando noções como *escultura social, instalação, site-specific, e land art*. Após essa fundamentação teórica, os estudantes foram desafiados a aplicar os conceitos estudados no contexto da Curva da Munguba, desenvolvendo projetos de ocupação tridimensional no espaço.

O objetivo central foi capacitar os alunos para a elaboração de projetos escultóricos que, estabelecessem um diálogo com o território, explorando questões relacionais, materiais e simbólicas. Para orientar esse percurso investigativo e projetual, os alunos foram instigados a refletir sobre algumas questões-chave. Entre elas, a distinção entre a relação do artista e do espectador com a escultura, considerando como a experiência de criar uma obra tridimensional difere da experiência de interagir com ela como público; e os desafios que a espacialidade traz para a criação artística, levando os alunos a explorarem não

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

apenas formas e materiais, mas também relações de escala, movimento, percepção e interatividade.

Além disso, discutiu-se o impacto da inserção de uma obra em um contexto específico, abordando como a escultura pode transformar a leitura de um espaço e ser, por sua vez, ressignificada pelas condições ambientais, sociais e históricas em que se insere.

A partir dessa troca, foi possível a construção de uma malha de palavras e conceitos compartilhados, permitindo que os grupos se formassem organicamente conforme os interesses comuns.

Pintura escultura traumas onde termina e onde começa o corpo
da obra inacabado continuidades sombras sol
transparências paisagem refração sutilezas efemeridades
esconderijos abrigos memória simbiose interespecífica
transitoriedade sementes brotação uma obra que foge do
controle humano performance fotografia registros
verticalidade horizontalidade denuncias ruinas presenças
do que já está ali intervenções alertas para o descaso
deixar o tempo ser autor da obra playground brincadeiras
escultura social estranhamento deslocamentos ponto de
encontro reunião afeto colaborações materiais acessíveis
precariedade reciclagem cartografias
paisagem refração sutilezas efemeridades
deixar o tempo ser autor da obra playground brincadeiras
escultura social estranhamento deslocamentos ponto de
presenças entes brotação
controle humano performance fotografia registros
verticalidade horizontalidade denuncias ruinas
o que já está ali intervenções descaso
encontro reunião afeto colaborações materiais acessíveis
alertas cartografias

Pintura escultura traumas onde termina e onde começa o corpo
da obra inacabado continuidades sombras sol
esconderijos precariedade reciclagem transparências
abrigos memória simbiose interespecífica

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Projeto Curva da Munguba “Homo Húmus”

Dante Duarte Santos e Silva, Emilly Martins Silva, Paulo Henrique Santos e Ray Venâncio Nascimento.

TEXTO CONCEITUAL

A escultura em cerâmica é o torso de um ser humano – ou talvez o torso seja de quem é a própria natureza. Pelas rachaduras que percorrem sua superfície, surge o vermelho vivo das plantas que crescem de dentro, emergindo como pensamentos que se libertam da mente. Há uma verdade implícita nesse encontro entre o orgânico e o humano, uma verdade que fala de um retorno ao que somos e ao que sempre fomos.

Nas fissuras dessa forma, vejo as nossas próprias falhas, os lugares onde nós partimos, onde deixamos de ser inteiros, onde nos perdemos de nós mesmos. Mas são nesses mesmos lugares de ruptura que a vida, obstinada, insiste em florescer. O vermelho intenso dessas plantas não é o vermelho do sangue, mas o da seiva que move o mundo, um sangue que não é apenas humano, mas vegetal, um sangue da própria terra. O ser humano, com suas raízes secretas, é tão parte

da natureza quanto a árvore que cresce sem saber por quê.

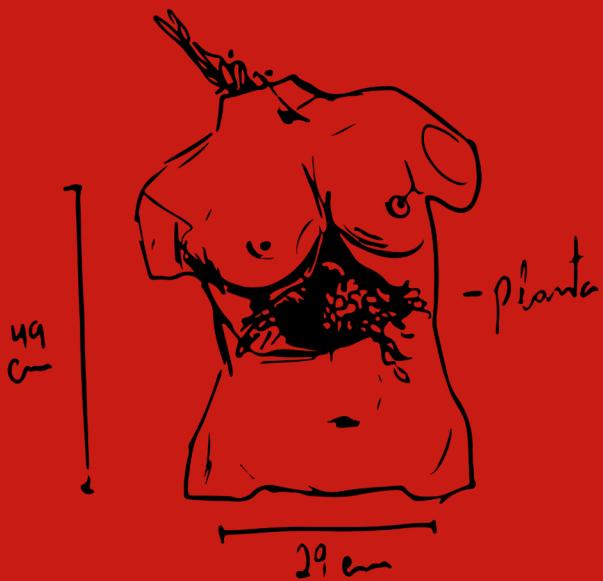
Esta obra fala de uma comunhão perdida e sempre procurada, de um princípio e um fim que são o mesmo. Ela murmura que tudo começa e termina na natureza, e que o humano é um simples intervalo na eternidade do mundo. Como folhas que caem no outono, somos levados pelo vento do tempo, mas sempre voltamos ao chão, ao húmus daquilo que nos fez. Somos terra e à terra retornamos; somos a rachadura por onde o ser se revela.

No Projeto Curva da Munguba, este torso de cerâmica é mais do que uma forma – é um símbolo de um desejo mais profundo de reconciliação, de um anseio por uma verdade maior que nós mesmos. É uma lembrança de que, por baixo da pele e da razão, somos apenas fragmentos de uma natureza que nos antecede e nos sucederá.

Através dessas rachaduras, vemos a natureza florescer, e talvez, nela, nos vejamos também incompletos, mas eternamente conectados ao todo. A beleza da escultura não está na perfeição da forma, mas na inevitabilidade da sua imperfeição, que permite que o real se manifeste, que o interior e o exterior se encontrem e que o homem e a terra finalmente se reconheçam.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

homem hinnus



LIMIAR

Letícia Santos de Lima; Ana Beatriz Couto; Caroline Del Rio Degenari; Gab Rodrigues; Igor Nóbrega; Lucas Henrique Alvino Cordeiro; Louise de Souza Barbosa; Radmila Lua Lordão.

Descrição Teórica

A escultura, como qualquer outra convenção, possui uma lógica interna e um conjunto de regras que a definem e a sustentam (KRAUSS, 1979), essa lógica interna é o que confere à escultura sua identidade, seu caráter tangível e imaterial, conectando-a não apenas ao tempo presente, mas também às memórias, ao espaço e às narrativas invisíveis que o envolve. Esse processo ressalta o papel da arte não apenas como agente de mudança, mas como um espelho.

René Magritte diz que *"A mente ama o desconhecido. Ela adora imagens cujo significado é desconhecido"*, se diz necessário ir além daquilo que se esconde, pois o olhar humano é raso, se contenta com o imediato, e, em vez de revelar o interior da alma humana, ele se limita ao que é superficial. O espelho, nesse caso, não se diz reflexo, e sim porta, nos perguntando o que está dentro e fora.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

O título Limiar sugere um espaço de transição, um ponto de passagem entre dois estados, o “limiar” de um estado intermediário, ponto constituinte de limite, a percepção do entorno e de si de forma simultânea, porém única. Um lugar exclusivamente reservado para se transitar, na qual sua forma labiríntica permite uma fragmentação do espaço, a experiência de estar exposto, vulnerável, sendo visto de todos os ângulos, de ver a si e o outro, finalmente percebemos como somos simultaneamente sujeito e objeto.

Objetivos

Ao sugerir o movimentar-se através dos quase encontros da materialidade, a obra traz reflexões e percepções sobre as existências em uma integração com o espaço e os outros seres, por meio de experiências sensoriais e das diferentes perspectivas vistas ou imaginadas. Limiar consiste em painéis de acrílico com dimensões e cores variadas, posicionados em formato circular, como um labirinto contínuo.

Utilizando sobreposições visíveis nos percursos, oferece caminhos pelos quais o sentir individual guia para o(s) atravessamento(s), tanto de forma material quanto imaterial. O atravessar pode ser entendido como passagens e

desvios de caminhos: atravessar a obra e as movimentações possíveis por ela; mas também como o atravessamento de si, que envolve o perceber e localizar-se no mundo e no espaço, além de estar e pertencer, habitando o entorno. Ao pertencer e atravessar-se no espaço comum por meio de experiências sensoriais, principalmente visuais, Limiar propõe o olhar para as múltiplas direções e possibilidades nas imediações. Não há um começo ou um fim, mas uma continuidade do espaço em que está disposta. Formas em movimento que não terminam em si, extensões: o estar parado também é estar em movimento. Onde termina o corpo? Ele termina?

Propõe, assim, uma reflexão sobre o ser individual e coletivo, onde é possível observar tanto o outro e as proximidades, quanto a si por outras perspectivas de ângulos e cores, além das perspectivas de caminhos e espaços.

Descrição Técnica

A obra é constituída de painéis transparentes e coloridos, em estruturas verticais com dimensões de 2 metros de altura por painel e 6 metros de diâmetro. Na criação da ideia visual, foi pensado que os espectadores pudessem

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

ter autonomia de percorrer o espaço que forma a obra e alterar a sua configuração. As placas são formadas por diferentes recortes, gerando uma variedade de cores que formam o mosaico a partir dos movimentos da luz que é refletida dentro do ambiente da obra durante o dia, sendo constituídas de resina acrílica e pigmento em pó, e a estrutura de circulação para as placas, feitas de aço inoxidável ou estanho, que se comporta como uma trilha que as tornam móveis e percorre todo o perímetro da instalação, seguindo os módulos em que os painéis são instalados. Para o espaço, se diz essencial a presença da luz natural, essa caminhada pelo ambiente que a obra ocupa, pertence, a conexão com o estar e se fazer presente no lugar e também a construção de um novo, e único, olhar que se adapta nessas diferentes camadas de vida, onde a densidade do reflexo entre as cores e a experiência com a sombra e a luz refletem os espectadores e a sua conexão com o entorno.

Referências bibliográficas

KRAUSS, Rosalind. "A Escultura no Campo Ampliado." In: Arte e Suas Histórias. São Paulo: Cosac Naify, 1999.



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

PROJETO ARTÍSTICO CURVA DA MUNGUBA: "AQUI TEM VIDA - ESTE LUGAR EXISTE"

Ana Lívia Nóbrega Pordeus Lindayane Da Cunha Dias Nunes Suzana Da Silva Lacerda

INTRODUÇÃO TEÓRICA DA OBRA

Dentro do cenário urbano podemos frequentemente encontrar edificações abandonadas, em ruínas ou construções inacabadas. Isso acontece por diversos motivos que nos fazem refletir sobre a não utilização desses espaços que poderiam ter uma função social, visto que vivemos num sistema de desigualdade que muitas vezes não assegura nem o direito básico de moradia para muitas pessoas.

A situação fica ainda mais desconfortável quando se trata de prédios públicos ou dentro de instituições governamentais que por algum motivo ou descaso do governo não estão dando alguma utilidade a esses espaços que deveriam estar a serviço da população, como é o caso da Universidade Federal da Paraíba, local de proposta deste projeto, onde se encontram várias edificações em desuso ou ruínas dentro do campus.

Segundo Lima (2013), a paisagem urbana é formada por várias informações visuais às quais somos submetidos todos os dias, são placas, outdoors, cartazes, etc, que têm o objetivo de divulgar produtos, eventos, serviços, ou controlar e gerir a vida pública. Mas existem alguns elementos que não seguem essa lógica de mercado nem de poder, são as pichações, pinturas e instalações artísticas, que questionam quem tem ou não o direito de interferir, se apropriar e fazer parte deste cenário. Essas ações chamamos de “intervenções urbanas”.

“Por serem formas de arte que interagem com o espaço onde são feitas e alteram o seu estado inicial, seja agregando informações ou propondo uma nova perspectiva sobre uma paisagem já conhecida, atraiendo o olhar para algum detalhe despercebido ou provocando o público a refletir sobre aquele espaço, ressignificado por meio da arte. A própria ideia de “intervir” pressupõe uma participação ativa, uma ação direta sobre determinado objeto. Em geral, a intervenção urbana altera a paisagem pré-estabelecida e propõe um diálogo entre o artista, a cidade e o público.” (LIMA, 2013).

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Muitos artistas utilizam essa forma de expressão a fim de questionar esses espaços, e para embasar nosso projeto usamos como referência o artista Banksy, conhecido justamente por usar seu trabalho de forma crítica sobre temas do cotidiano, política, guerra, religião, através das técnicas do graffiti e do estêncil.

Tomamos também como base o trabalho “Vazio Ocupado”, da fotógrafa Camila Batista e da jornalista Natália Lucas, que através da técnica de lambe-lambe propuseram uma reflexão sobre os prédios abandonados em Manaus e a falta de moradia. O projeto conta com duas propostas de intervenção, na primeira as pessoas sem moradia ocupam os cômodos das casas vazias onde são fotografadas, e a segunda é a reprodução dessas fotos em lambes ocupando esses lugares abandonados.

DESCRÍÇÃO TÉCNICA DA OBRA

A obra “Este lugar existe - Aqui tem vida!” trata-se de uma intervenção artística nos prédios em ruínas e abandonados no campus da UFPB em João Pessoa. Está dividida em duas partes, a primeira é a intervenção nos prédios através das técnicas de lambe, stencil

e fotoperformance, e a segunda é a exposição de um ensaio fotográfico dessas intervenções na Curva da Munguba.

Para a intervenção usaremos lambes em papel jornal de dimensões variadas com as frases “Aqui tem vida” e “Este lugar existe”, que dão nome ao projeto; stêncil de tamanhos variados e tinta spray com figuras dos animais que fazem parte da fauna e permeiam o campus; e fotoperformance interagindo com o espaço e questionando seu desuso.

As intervenções serão fotografadas e as fotografias serão impressas e expostas sobre uma placa de madeirite que é usada normalmente em construções civis.

OBJETIVOS

A série “Aqui tem vida - Este lugar existe!” É uma intervenção artística que emerge como uma crítica incisiva ao estado de abandono e precariedade presente na Universidade Federal da Paraíba, um local em que o vazio de diversos prédios abandonados contrasta com a constante passagem de pessoas. A obra denuncia o descaso da área cuja potencialidade de vida é negligenciada, chamando a atenção para a desconexão entre o espaço físico, o fluxo cotidiano e a falta de uso efetivo do lugar.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

A composição principal do “Aqui tem vida - Este lugar existe!” utiliza intervenções em lambes colados nos zincos que cercam os prédios abandonados. Frases como “Aqui tem vida” e “Este lugar existe” são dispostas de maneira repetitiva, criando uma mensagem visual impactante que se propaga pelos muros. Ao lado dessas colagens, desenhos de animais, como o bicho-preguiça, gatos e gambás – presentes na mata próxima ao local – ilustram a vida que ainda sobrevive em meio ao caos e à ruína. A escolha dos animais evoca uma metáfora da resistência e da persistência, apontando para a coexistência entre o nada, o abandono físico e a vida que insiste em habitar esses espaços negligenciados.

A obra opera em duas camadas principais: a intervenção física no local e o registro fotográfico das intervenções. Essa dualidade reflete tanto o ato de protesto quanto a documentação e a propagação da mensagem. As fotografias das intervenções são posteriormente impressas e expostas no próprio local, criando um ciclo contínuo de interação e denúncia. Ao ser apresentada no próprio espaço que critica, a obra se apropria do ambiente e o transforma em um manifesto visual contra o esquecimento.

A obra “Aqui tem vida - Este lugar existe!” busca, assim, despertar a consciência crítica do público, convidando os passantes a reconsiderar a relação com o ambiente. Ao declarar que “aqui tem vida”, a obra faz um apelo para que o local seja visto sob uma nova perspectiva, clamando por atenção, cuidado e intervenção. Mais do que uma denúncia passiva, o projeto sugere um diálogo entre o ambiente e seus usuários, uma coexistência entre o presente caótico e a possibilidade de um futuro mais habitado e valorizado.

REFERÊNCIAS

LIMA, Mateus. Intervenção urbana: arte e resistência no espaço público. São Paulo: CELACC/ECA-USP, 2013.

GOVERNO DO AMAZONAS. Intervenção urbana utiliza a arte do lambe-lambe como ferramenta jornalística. 2023. Disponível em: [INSTAGRAM. @banksy. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/banksy.> Último acesso em: 9 out. 2024.](https://cultura.am.gov.br/intervencao-urbana-utiliza-a-arte-do-lambe-lambe-como-ferramenta-jornalistica/#:~:text=Foi%20a%20forma%20que%20encontramos,seriam%20importantes%20para%20a%20ci%20dade. Último acesso em: 9 out. 2024.</p></div><div data-bbox=)



AQUI ESTE
TEM LUGAR EXISTE
VIDA AQUI TEM VIDA





Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

CONEXÕES DA MUNGUBA

Ayane de Santana Souza Barros Color Canutto da França, Hana Kin da Silva, Iara Araújo Cavalcanti Sobral, Isabelle da Costa Avellar, Letícia Maria Gomes de Oliveira Souza

Criação do projeto:

A ideia inicial se originou a partir de um questionamento de Color Canutto que seria “pode-se fazer esculturas nos galhos das árvores como uma instalação interativa?”. Após esse questionamento ter sido posto ao grupo, Isabelle Avellar complementou com rascunhos que retratam sinos dos ventos, a ideia surge assim com o objetivo de atrair a atenção de pessoas que frequentam diariamente a Curva da Munguba porém que os cenários como as copas das árvores acabam por passar despercebido no dia a dia. Durante a reunião entre os membros do grupo, surgiram novos meios de extrair conteúdo das ideias principais apresentadas tendo como objetivo agora não somente o embelezamento da Curva da Munguba, de formar uma obra em contato com a natureza, unindo as pessoas e a fauna, como também pensar o meio animalesco. Levando em conta os indivíduos presentes nas árvores, ar e terra. Dessa forma

a ideia do projeto visa abranger não somente pessoas como plantas e animais de diferentes tipos para que mesmo inconscientemente consigam desfrutar da Curva da Munguba e todo o seu potencial como local cultural no CCTA.

Após a ideia inicial, buscamos uma forma que fosse funcional e utilitária para que atendesse todas as ideias apresentadas, mas que também trouxesse beleza ao ambiente, chamando a atenção de todos que passassem. Assim, desenvolvemos o projeto que nomeamos ‘Conexões da Munguba’. Inicialmente, isso envolveu a instalação de postes florais que facilitariam a passagem dos animais que transitam pela área, servisse de sombra para as pessoas, bebedouro para os passarinhos, incentivando agentes polinizadores como aves e abelhas, além de servir como caminho seguro para saguis,

Como funcionará o projeto?

O projeto tem como seu foco uma parte existente da calçada onde está sendo realizado o planejamento da Curva da Munguba, mais especificamente a parte localizada em frente ao Laboratório de Escultura. O qual está em funcionamento na residência ocupada, em

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

2018, pelo professor Marco Aurélio Damaceno (como coordenador do projeto de extensão Poéticas Tridimensionais do Ré-Design no Meio Ambiente), em conjunto da professora Marta Penner (através da disciplina por ela ministrada, Tópicos Especiais em Artes Visuais 1), em defesa de um espaço voltado para o acontecimento de aulas e convivência, contrastando com os prédios abandonados próximos, e que tornaram-se ruínas integradas ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes.

Visando seu objetivo de torná-lo um local de convivência e trocas entre, não somente os estudantes do CCTA, mas um meio de incorporação dos frequentadores da UFPB como um todo, analisamos que o problema inicial é a mata próxima, não relacionada com o restante dos prédios encontrados ali, principalmente o próprio CCTA, construído de costas para essa mata que, em teoria, estaria em comunicação direta com o prédio. Com tais pensamentos, aprofundar o enlace entre tais ambientes provou-se ser uma ótima solução.

Como ocorrerá a instalação?

O projeto começará com a instalação dos postes em locais previamente escolhidos na Curva da Munguba. Esses postes terão um papel crucial na organização do espaço, garantindo a proteção dos animais que por ali passarem. Depois de instalados, as redes de proteção serão montadas e fixadas no topo dos postes, promovendo um ambiente seguro e minimizando os riscos de acidentes.

Na sequência, procedemos ao plantio das mudas de plantas ao redor dos postes e em outros locais selecionados. As mesmas, escolhidas por suas características estéticas e durabilidade, requerem uma irrigação regular de 2 a 3 vezes por semana, na qual garantem seu crescimento saudável. Vale ressaltar que esta etapa exige paciência, pois o desenvolvimento das plantas pode ser imprevisível e ocorrer de forma lenta. Contudo, a espera será recompensada visto que as mesmas proporcionam sombra e abrigo para a fauna local.

Simultaneamente, serão colocados bebedouros destinados a beija-flores e outras aves que possivelmente frequentarão o parque. Eles serão posicionados de forma estratégica, simplificando o acesso das aves

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

à água e comida, além de contribuir para a diversidade biológica da região.

Conclusão:

Com a instalação de postes ao longo do caminho determinado pelas calçadas próximas, às árvores que resistem no lugar, mesmo após as várias tentativas falhas de suas remoções, ligados por redes de pesca, onde haveriam plantas aéreas trançadas, as quais, quando crescidas, formariam um caminho livre do sol no caminho de um ponto a outro da Curva da Munguba. Além da cobertura contra o calor, as redes servem de locais seguros para o deslocamento de animais como micos e preguiças que habitam o local. Unindo a mata, animais e humanos, em um convívio pacífico em seu ambiente compartilhado.

O projeto “Conexões da Munguba” surge em um momento crítico de reflexão sobre o impacto humano na natureza e no espaço público. À medida que avançamos com a instalação dos postes florais e a integração da fauna e flora ao ambiente, é essencial ponderar sobre as consequências de nossas ações. Como pergunta Ailton Krenak: ***“Mas é esse mundo que deixaram para a gente? Qual é o***

mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?" (KRENAK, 2019, pág. 68). Este questionamento se conecta à urgência das questões ambientais, que não podem ser ignoradas. Em uma era onde as decisões erradas podem literalmente esquentar o planeta, como Krenak alerta quando nos diz "*campeonato do fim do mundo, nesse campeonato quando você é bem-sucedido mesmo, adiciona mais meio grau na temperatura do planeta e aí torra todo mundo*", devemos adotar iniciativas sustentáveis que promovam a preservação. Ao criar um espaço vivo, ao conectar pessoas e a natureza, estamos lembrando que, como ele também diz, "a floresta é uma coisa dinâmica, que vive". Portanto, nossa missão é contribuir para um futuro que respeite e valorize essa dinâmica natural, proporcionando harmonia entre os seres humanos e o meio ambiente.

Ao final do projeto, o objetivo é transformar a Curva da Munguba em um local seguro e receptivo, onde a fauna possa coexistir de maneira harmoniosa com a flora. Esta atividade notabiliza a necessidade da valorização da biodiversidade local e também trata de conscientizar a comunidade acerca da relevância de preservar o ecossistema de onde vivemos.

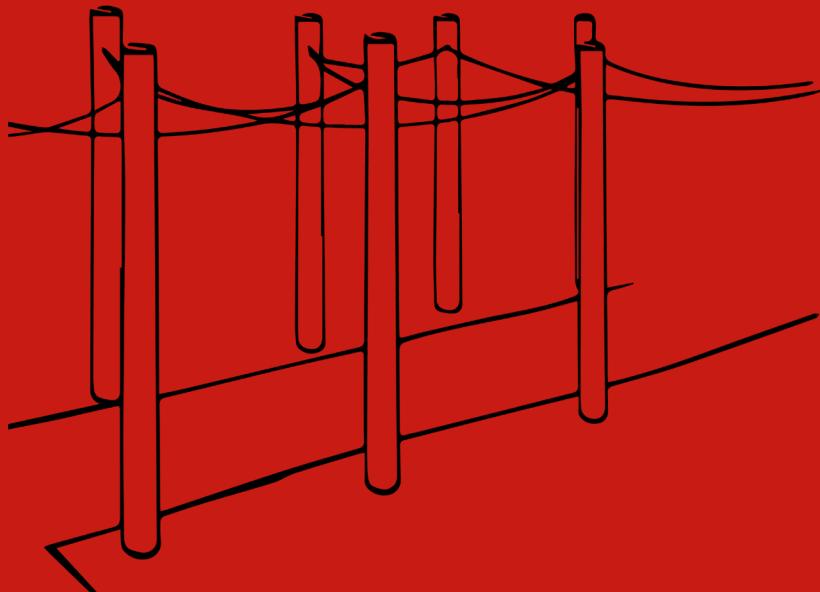
Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo . 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Roda Viva. Roda Viva | Ailton Krenak | 19/04/2021. 19 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/BtpbCuPKTq4?si=6oFS0NYDB_F1WLaS>. Acesso em: 14/10/2024.

Krenak, Le Monde Diplomatique Brasil. Vozes da Floresta | Ailton Krenak. 14 de abril de 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/KRTJIh1os4w?si=5dFUCBeV8v2pMseU>>. Acesso em: 14/10/2024. Patrick Dougherty. Disponível em: <<https://www.stickwork.net>>. Acesso em: 14/10/2024.



“IMÓVEL, MAS NÃO INERTE

ANA GABRIELA DO VALE GOMES

Descrição Teórica da obra

A obra “Imóvel, mas não inerte” se trata de uma peça constituída de pernas de manequim de onde brotam plantas vivas. Traz uma poética da experiência, dos ciclos da vida e da deficiência física, do cuidado, do movimento de brotar independente da capacidade física (do andar para além do movimento do corpo) relacionando o fluxo da natureza às intempéries da vida, questionando como lidar com a natureza do acaso, a perda da mobilidade, a relação com corpo X ambiente.

A obra surgiu a partir de uma experiência própria de terapia de “aterramento” para amenizar crises relacionadas à intensificação de sintomas do autismo relacionados à intensificação do isolamento por causa da deficiência física e estresse pós traumático. Nesse momento voltei a cuidar da terra e das plantas, por ser uma das poucas atividades da casa em que poderia ajudar aos meus familiares. Incentivada por minha mãe que dizia que, como minha vó, possuía o “dedo verde” embarquei nessa jornada de trazer a vida as plantas da casa que haviam

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

ficado doentes ou morrido por causa de um longo período de doença das minhas mães (moradoras da casa).

Em seguida, inspirada pelo “dedo verde” de família, fiz algumas gravuras para a disciplina de Gravura I do professor Daniel, que me levaram a pensar na escultura como uma continuidade do processo de aterrarr, brotar, cuidar e fluir. Imóvel, mas não inerte, quer dizer, por mais que esteja limitada em meus movimentos permaneço criando, nutrindo, cuidando e fazendo brotar a vida.

Objetivos

A obra busca apontar para o questionamento de como esse corpo de diferente funcionalidade se conecta ao espaço e que relações são permitidas a esse corpo na sua relação com o ambiente e com a natureza. Constantemente apontado como corpo ciborgue, o corpo def é também um corpo natural, ancestral, que tece sua fluidez nas relações de cuidado e afeto com o espaço natural e a dimensão cotidiana e cíclica da vida.



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

JOANINHA

ALLANA BARROS DE LIMA, JOSÉ IRAN DA SILVA FILHO, MONIQUE ENCISO TORRES TRAJANO.

Descrição Teórica da obra

Uma mesa de formato circular abrigaria, em seu centro, uma muda de árvore da espécie munguba, em referência à curva da Munguba, que inspirou seu nome, destacando o foco na natureza e sua exaltação. O crescimento da árvore, sendo parte da natureza, é imprevisível. Não há garantia de que ela terá os recursos necessários para prosperar nesse espaço ou se crescerá de forma tão imponente a ponto de se fundir ou até mesmo destruir a escultura ao redor. Contudo, o simples ato de plantá-la e a expectativa de que ela cresça já são significativos para a obra. Essa imprevisibilidade da natureza já foi explorada por artistas como Henrik Håkansson, Helen Mayer Harrison e Newton Harrison.

A mesa de concreto, que vista de cima apresentaria características de uma joaninha, carrega a estranheza de uma construção

humana que imita formas naturais, enquanto tenta se integrar à natureza e proporcionar conforto às vidas que ali transitam, especialmente à vida humana, que tende a se reunir ao redor da mesa. A mesa e seus formatos simbólicos foram amplamente explorados na arte, por artistas como Yoko Ono e Judy Chicago.

Descrição Técnica da obra

Materiais:

Areia, cimento, brita e água (concreto).

Vergalhões de aço para a estrutura da mesa e cadeiras.

Malha de Ferro também para as estruturas.

Pigmento para concreto mais escuro.

Resina Poliuretano para as pintinhas, e pigmento para resina poliuretano.

Moldes de papelão e aço.

Local proposto, espaço em frente a composteira.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

OBS : Plantas menores encontradas no local podem ser realocadas para não sofrerem riscos.

Dimensões da obra

Mesa de concreto com o raio de 1,5m tendo uma circunferência de 3m com 5cm de largura e um espaço de 1m no centro, deixando espaço para a muda da planta, que em média cresce para uma largura de 70cm, a base da mesa segue a mesma proporção do círculo de 1m mas com 80cm de altura e 15cm de largura, sendo mais larga para dar mais sustentação ao peso da mesa, as cadeiras também tem 5cm de largura em suas estruturas, mas como banco tendo 45cm de altura, para ficar em um alcance confortável a mesa, com o apoio das costas indo até 1,50m.

Objetivos

O objetivo é criar um local de encontro e convivência junto à Munguba, onde as pessoas possam se reunir e socializar em harmonia com a natureza, não apenas a muda da Munguba mas da floresta ao redor, promovendo sua exaltação e admiração. Ao

mesmo tempo em que busca criar um espaço necessário, especialmente para o CCTA, que enfrenta a falta de áreas destinadas ao descanso, socialização, alimentação e até estudo.



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

**CONFESSIONÁRIO: VENHA LAVAR SUA
ROUPA SUJA!**

Renata Venancio Santos, Francisca Gonçalves Vaz, Pedro de Moraes

Descrição Teórica da obra

A inspiração teórica vem de 3 autores. Começando pelo texto “O Espaço Moderno” de Alberto Tassinari: ele explica que na pós-modernidade, as molduras passaram a fazer parte das obras. Nesse sentido, o espectador também faz parte da obra, uma vez que pode interagir com quem está dentro fazendo uma performance, por exemplo. A proposta da escultura também é inspirada na ideia de não-arquitetura e espaço negativo de Rosalind Krauss.

Duas ideias do filósofo Nietzsche inspiram a execução da obra. A primeira, a lei do eterno retorno em que ele indaga como nós reagiremos se soubéssemos que nossa vida se repetirá eternamente, o que diríamos para determinada pessoa, ou que atitude teríamos diante de determinada situação. A segunda, é o conceito de verdade do filósofo, onde ele diz que a verdade é criação nossa, e portanto, se diferencia da arte, por não necessitar que os elementos da obra sejam verdade ou mentira.

Objetivos

A ideia é criar uma escultura interativa, como um ambiente de interação entre os discentes, possibilitando que o ambiente seja utilizado de inúmeras formas, ex. Exposições, performance, ambiente de descanso, possibilitar que existam oficinas e workshop dentro, nas laterais da parte externa da escultura irão conter desenhos de rostos aleatórios, produzidos pelos diversos discentes de Artes Visuais que queiram colaborar de modo que possam sair do campo da moralidade e falar dentro daquele espaço tudo que sente, independente do sentido que aquilo representa para outras pessoas.

O espaço interno da obra pode ser usado para “lavar essa roupa suja”, onde é necessário transvalorar os valores até então tidos entre as pessoas envolvidas. As “instruções de uso básico” da escultura estarão na entrada da obra.

Seguem as instruções:

1. Sortear 2 pessoas aleatórias;
2. Fazer com que elas permaneçam se observando por 2 minutos;
3. Se necessário, lavar as roupas sujas nesse tempo.

ARTE NO ESPAÇO PÚBLICO

Autores Tafins, Maria Clara Marinho, Hebert

“Público” pode ser definido como: aquilo que é referente ao povo em geral, que não é particular, que pertence a todos, a uma **coletividade**, aberto a qualquer pessoa. Dito isso, a arte no espaço público se refere às manifestações artísticas que ocupam os espaços urbanos cotidianos, muitas vezes feitas com a intenção de interagir com a sociedade que as cercam.

Um grande exemplo disso são as esculturas públicas, que são obras colocadas em locais abertos, como praças, ruas ou parques com o objetivo de “embelezar”, homenagear ou provocar reflexões. Segundo a monografia “Valores e significados atribuídos às esculturas no espaço público: o caso do Monumento a Olavo Bilac” da Bacharel em História da Arte, Amanda Batista Bento, cada época e lugar atribui significados a diferentes obras artísticas ou arquitetônicas com base nas suas características socioculturais, levando em conta motivações religiosas, identitárias, políticas ou ideológicas.

A **escultura pública** não só contribui para a identidade visual das cidades, mas também serve como junção da arte com o público, levando a arte mesmo para pessoas que não têm uma conexão tão direta com a mesma, provocando, criando memórias e questionando quem passa por ela. Por vezes cria imaginários e naturaliza relações sociais de poder.

Nessa direção, como diz Lilia Schwartz, por exemplo, “**um monumento não é só um monumento**”. É o caso do “Monumento às Bandeiras”, de Victor Brecheret, localizado em São Paulo, que representa as bandeiras num conjunto colossal de granito, onde indígenas e negros aparecem empurrando a canoa dos bandeirantes. Essa obra vem sendo alvo de críticas e intervenções, sendo uma escultura considerada hoje “um monumento difícil”, nas palavras de Schwartz. Essas obras, além de seu valor estético, tornam-se marcos culturais e históricos, envolvendo os espaços com significado e promovendo discussões sobre o papel da arte na vida urbana.

A arte em espaços públicos pode trazer benefícios educacionais e culturais, criando vínculos da sociedade com a história e

memória de um lugar e de um povo, pode provocar poeticamente, politicamente e esteticamente as pessoas, sendo uma estratégia de aproximação com a realidade e com o público; pode ainda estimular a reflexão e o senso crítico sobre questões sociais, políticas e ambientais, promovendo a participação de discussões sobre esses temas e a liberdade de expressão.

Podemos afirmar que a presença de esculturas nos parques, praças e áreas públicas favorecem o conhecimento e o desenvolvimento do senso de **pertencimento** a um local ou cultura, criando uma reflexão mais aprofundada sobre a história, os valores e as aspirações de uma comunidade, ajudando a desenvolver um sentido de identidade comunitária e pertencimento local.

ESCALDURA A CÉU ABERTO E CONSERVAÇÃO

Maria Clara Lima, Karen Natale

Coonservação, de acordo com o dicionário, pode ser definida como: ato de conservar ou de se conservar; estado do que se mantém sem muitos danos ou sem muitas marcas de envelhecimento ou decadência; reparação ou prevenção de danos (ex: obras de conservação

Metodologia da Pesquisa Científica

do edifício); tendência ou conjunto de ações para sobreviver ou manter livre de perigo (DICIONÁRIO PRIBERAM da LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2024). Atento a essa definição, sabe-se que uma obra artística, disposta em diferentes locais, pode estar exposta a diversos agentes degradantes, sejam eles químicos, físicos, mecânicos, biológicos, etc. Portanto, o ato de conservar uma obra lhe permite ter uma possibilidade para que não se degrade em um curto espaço de tempo, especialmente em céu aberto, onde existem diversas intempéries.

Pelo mundo, existem múltiplos museus **a céu aberto**, entre eles parques de esculturas, que podem ser uma intervenção no espaço, sendo capazes de atuarem como manifestação da identidade cultural de um determinado local e povo, e sua importância é destacada pela autora Anita Berriozbeitia:

Os parques são fundamentais para as cidades, não apenas porque assumem funções ecológicas nos centros urbanos, mas também porque são lugares distintos e memoráveis. Absorvem a identidade da cidade tanto quanto a projetam, tornando-se lugares socialmente e culturalmente reconhecidos. (BERRIZBEITIA in Large Parks, 2007).

Logo, sabendo da importância de um **parque de esculturas**, o trabalho de conclusão de curso de Sarah Corrêa Moreira de Sequeira “Particularidades na preservação de esculturas ao ar livre: o caso de ‘recicláveis de Thales Valoura’” mostra uma perspectiva sobre como as obras em tal condição, estando em ar livre, estão sujeitas a receberem diversos agentes que contribuem para as ações desgastantes, tais como fatores humanos e climáticos. Por isso é necessário pensar em quais estratégias tomar para realizar a conservação dessas obras. Tendo em vista a necessidade de planos para a conservação de acervos a céu aberto, visando diminuir a sua degradação e descuido, a pesquisa de Raquel Oliveira de Albuquerque “Usos dos espaços e manutenção dos parques de Madrid” disserta como é feita a manutenção da conservação de três parques de esculturas localizados em Madrid, Espanha. Assim convida-se a pensar em como cada parque é único e singular e como suas propostas de conservação também devem ser singulares.

PARQUE DE ESCULTURAS E ACESSIBILIDADE

Oliver Ethyleen, Gabrielle Vitória e
Gabriel Martins

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), **acessibilidade** é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Na área da museologia, podemos observar um debate importante sobre recursos e implantações de acessibilidade, orientados para instituições culturais e museais diversas e que podem ser pensados para os parques de escultura. Neste caso, como estes espaços são no ar livre, existem especificidades e limitações por causa do tipo de expografia, mas não é algo impossível de ser reproduzido. De acordo com a Lei N 10.098 de 19 de Dezembro de 2000, a

acessibilidade para pessoas com deficiência em estabelecimentos públicos ou privados e ambientes físicos ou digitais é obrigatória. Neste sentido, espaços museológicos também devem cumprir com essa norma, pois a arte e a cultura são direitos garantidos para pessoas com deficiência. A acessibilidade é um ponto de extrema importância, a implantação da mesma em um projeto museográfico é indispensável.

Alguns recursos hoje vem sendo utilizados, como a audiodescrição, a presença de intérprete de libras, acessibilidade arquitetônica, dentre outros meios, o que vem contribuindo significativamente para que haja de fato a inclusão nesses espaços. Podemos ver exemplos de como estes recursos funcionam e ainda podem funcionar, no trabalho “ARTE PARA TODOS: A Galeria Expoarte como espaço acessível para inclusão de públicos diferentes” de Maria Melo, Márcio Bess e Natália Grechi. Nesta pesquisa, os autores analisam duas exposições onde foram incluídas descrições de obras em libras, audiodescrição com histórias contadas, etiquetas em braille e a possibilidade do toque nas obras.

Metodologia da Pesquisa Científica

Outra alternativa para promover a acessibilidade em parques de esculturas é a criação de **programas educativos** adaptados, que englobem visitas guiadas inclusivas e oficinas sensoriais. Essas atividades podem ser pensadas para atender diferentes necessidades, como oficinas de exploração tátil para deficientes visuais ou visitas com intérpretes de libras e guias treinados para trabalhar com pessoas com deficiência intelectual. Dessa forma, o espaço museológico não só se torna acessível, mas também acolhedor, incentivando a participação ativa e significativa de todos os visitantes.

A ESFERA PÚBLICA DA ARTE E SEU PÚBLICO

Anabel Viana

Uma obra de arte pública pode ser definida, inicialmente, como sendo uma obra que não possui barreiras econômicas ou físicas que impeçam interações entre ela e o público de maneira orgânica. Mas tornar uma obra de arte acessível ao grande público significa ir além do que comumente se entende como acessibilidade e inclusão, adotando as experiências e o impacto pessoal e social do público como peças fundamentais em sua classificação como tal. Assim, uma obra de arte pode ser definida

como pública ou não de acordo com o grau de interesse e de identificação que ela evoca no público, despertando sentimentos e reflexões particulares e coletivas.

A presença de uma obra em um ambiente compartilhado por uma grande diversidade de grupos sociais pode ser capaz de unir esses indivíduos através de um estranhamento inevitável, provocando diálogos. Sob esse viés, Iveson define um espaço público como sendo *"qualquer espaço que seja usado em um determinado momento para ação e debate coletivos"* (2007, p. 3 apud Bloomfield, 2022, p. 565). A interação social cotidiana em espaços compartilhados tem o poder de formar pequenos conflitos a partir da troca de opiniões e acordos, gerando transformações no cotidiano. O sentido político e democrático da arte está sustentado por sua característica intrínseca de permitir a adoção de diferentes formas de interpretação de mundo para compor o seu significado, de caráter subjetivo.

Segundo Félix Guattari, a arte é um material vivo, não apenas uma categoria do pensamento. Dessa forma, podemos definir a realidade como tudo aquilo que é passível de ser visto por todos, ainda que de

pontos de vista diversos. Ela, com o auxílio da imaginação, permite que façamos um exercício de intercâmbio entre as diferentes visões e opiniões sobre um mesmo objeto de arte. O perfil do público ideal é, portanto, o de um interlocutor, que participa ativamente do processo de produção de significados – parte fundamental da obra. Sob essa perspectiva, Bourriaud (2009, p. 119) defende que “*a prática artística é sempre a relação com o Outro, ao mesmo tempo em que constitui uma relação com o mundo*”. Dessa forma, os modos de entender e de estar no mundo são moldados com base na multiplicidade de formas particulares de interpretá-lo.

Assim, de acordo com Habermas (2003), a esfera pública pode ser definida como “*o lugar, físico ou discursivo, onde indivíduos se engajam para realizar algum debate crítico*” (apud Cesar, 2009, p. 78). No entanto, convém ressaltar que o espaço público não é o mesmo que a esfera pública. Atrelado a isso, parece rasa a ideia de público como um grupo de pessoas. Desse modo, uma melhor forma de entendê-lo seria como “*um espaço de discurso organizado nada mais que pelo próprio discurso*” (Warner, 2008 apud Cesar, 2009, p. 79). Hauser (1998, p. 32

apud Bloomfield, 2022, p. 567), no entanto, afirma a existência de variados públicos em detrimento de um só, unificado. Partindo dessa conceituação inicial, ele parte para uma definição mais ampla: públicos são aqueles *“membros interdependentes da sociedade que têm opiniões diferentes sobre um problema mútuo e que buscam e influenciam sua resolução por meio do discurso”*.

No entanto, se levarmos em consideração que o que torna uma obra de arte pública é o modo de relação que a proposta artística estabelece com os espectadores, logo perceberemos que o espaço em que ela está inserida não possui tanta relevância, pois o espaço público não se limita a uma ideia de espaço aberto, física e economicamente. A arte pública convida os **espectadores** a debaterem internamente sobre as questões por ela suscitadas. Nisso, o impacto causado pela quebra de regularidade do **cotidiano** tem maior eficácia do que mesmo um espaço expositivo influenciado pelos moldes tradicionais. A obra de arte funciona como algo além de sua dimensão conceitual, integrando arte e sujeito de forma obrigatória e intensiva, pois, ainda que não seja vista e analisada como tal, ainda

Metodologia da Pesquisa Científica

reverbera, de algum modo, na vida de todos que a atravessam; característica tipicamente artística.

ESCALA E ESPAÇO URBANO

Ariane, Raoni e Antônio

Um lugar é um fenômeno qualitativo, ‘total’, que nós não podemos reduzir a nenhuma das suas propriedades, tais como relações espaciais, sem perder de vista a sua natureza concreta.” (Norberg-Schulz, 1980, p. 8).

Para Norberg-Schulz, em seu livro “Towards a phenomenology of Architecture”, o **lugar** não está apenas ali como um ponto físico desconectado de visões e outras significações mais abstratas e voltadas à vivência humana. Assim, quando falamos de escultura voltadas para um espaço urbano ela não pode estar desconexa seja do espaço - site specific ou não - mas também das pessoas que utilizam esse lugar.

É dentro deste contexto que a arte pública torna-se um mecanismo que vai além de seu valor artístico, mas também entra como um ponto de revitalização do espaço em que está inserida. Dessa forma, há uma constante

mudança nas determinações do que pode ser a arte pública e como ela molda o espaço, principalmente pelas mudanças sociais e tecnológicas constantes. A estética não está longe quando tratamos de paisagismos e muito menos quando se fala sobre arte. Como menciona Liu Dazhi em seu artigo, "como principal órgão do desenvolvimento urbano, o ser humano é o principal objeto de serviço do design de arte pública, e as necessidades e estéticas humanas estão em constante mudança

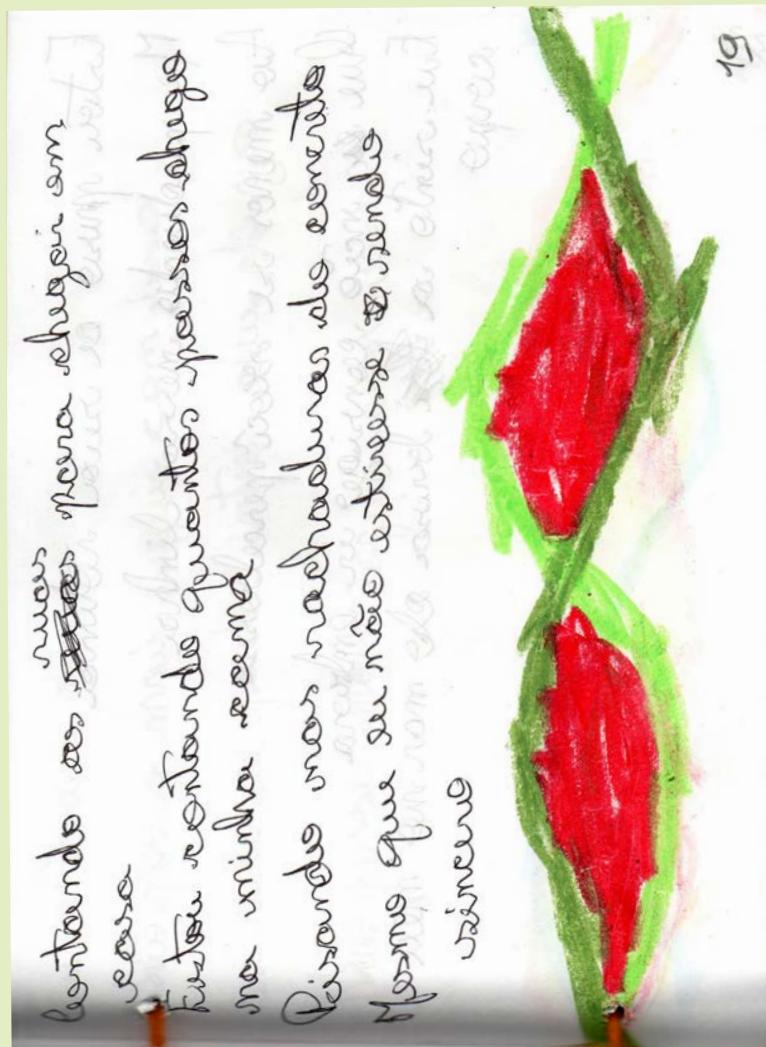
(Liu Dazhi, 2019, p.4). E por este motivo, propõe que o desenvolvimento urbano, e todos esses aspectos que o envolvem, citados anteriormente, estão em constante mudança, tendo o ser humano como centro e motor desse movimento.

Os tipos de escultura que podem compor o espaço urbano são diversos, e suas características e especificidades vão constituir sentidos conforme sua função sociocultural e estética. Como exemplo, os monumentos, diferentemente de esculturas, por possuírem um status institucional, de memória e de homenagem a alguém ou algo ao qual foi dado uma relevância histórica, tem uma aceitação mais transparente, seja isso por

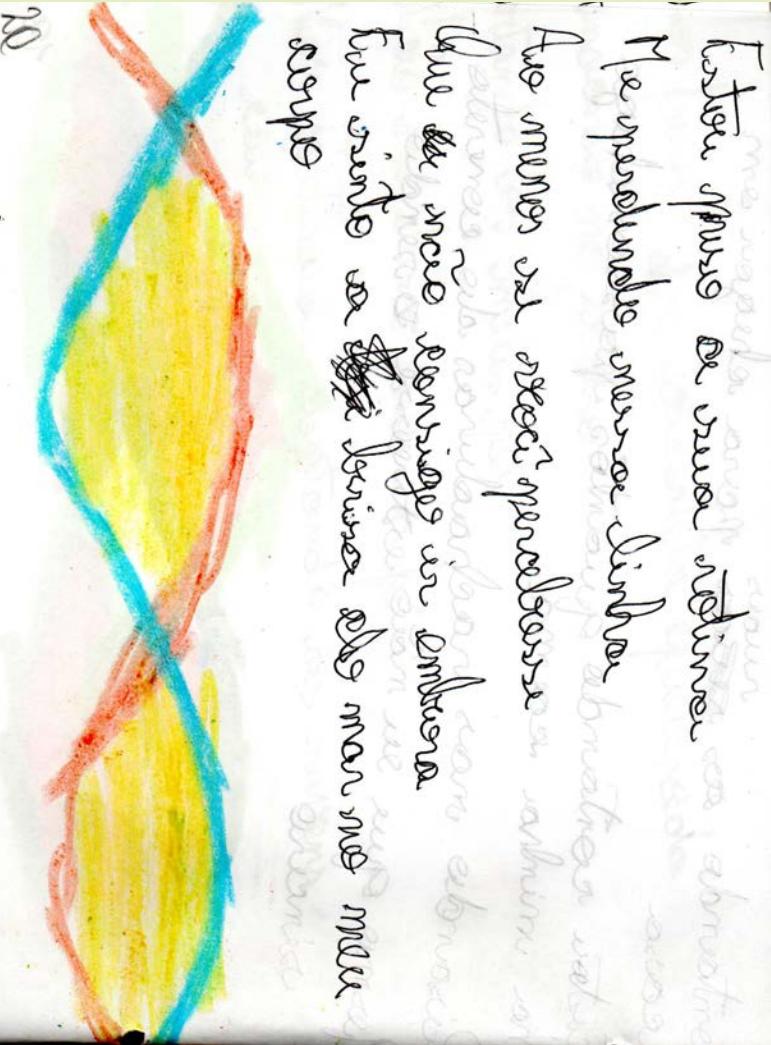
sua relações de poder ou por sua característica memorial que existe de forma intrínseca tanto com o lugar quanto com as pessoas. Renan Archer, em sua dissertação: "A cidade é feita de conflitos e vontades : o projeto escultura pública - Curitiba, 1992", argumenta sobre a função oposta a essa ao debater sobre a escultura em uma dimensão artística e crítica, denotando as interferências das obras no contexto social e político, para compreender seus efeitos no desenvolvimento urbano.

Isso nos mostra que, ao olhar a escultura, não podemos ignorar o que a cerca, sua composição, contexto e estrutura estão inteiramente vinculados ao seu local. É por meio dessa conexão que podemos entender os elementos que fundamentam a sociedade e seus modos de expressão, incluindo as produções artísticas que vão colaborar para a significação de um contexto urbano e todas as suas funções, sentidos e possibilidades.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



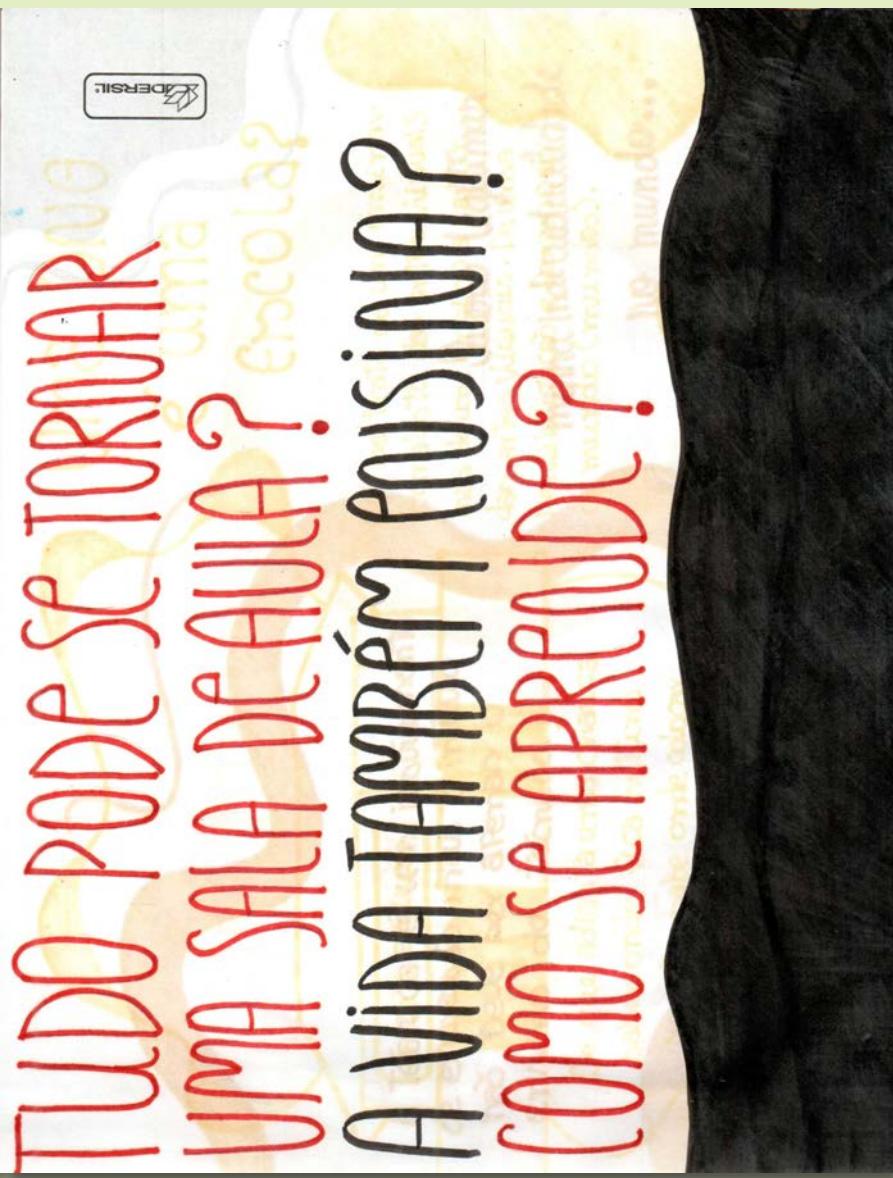
caderno educativo de Lucas



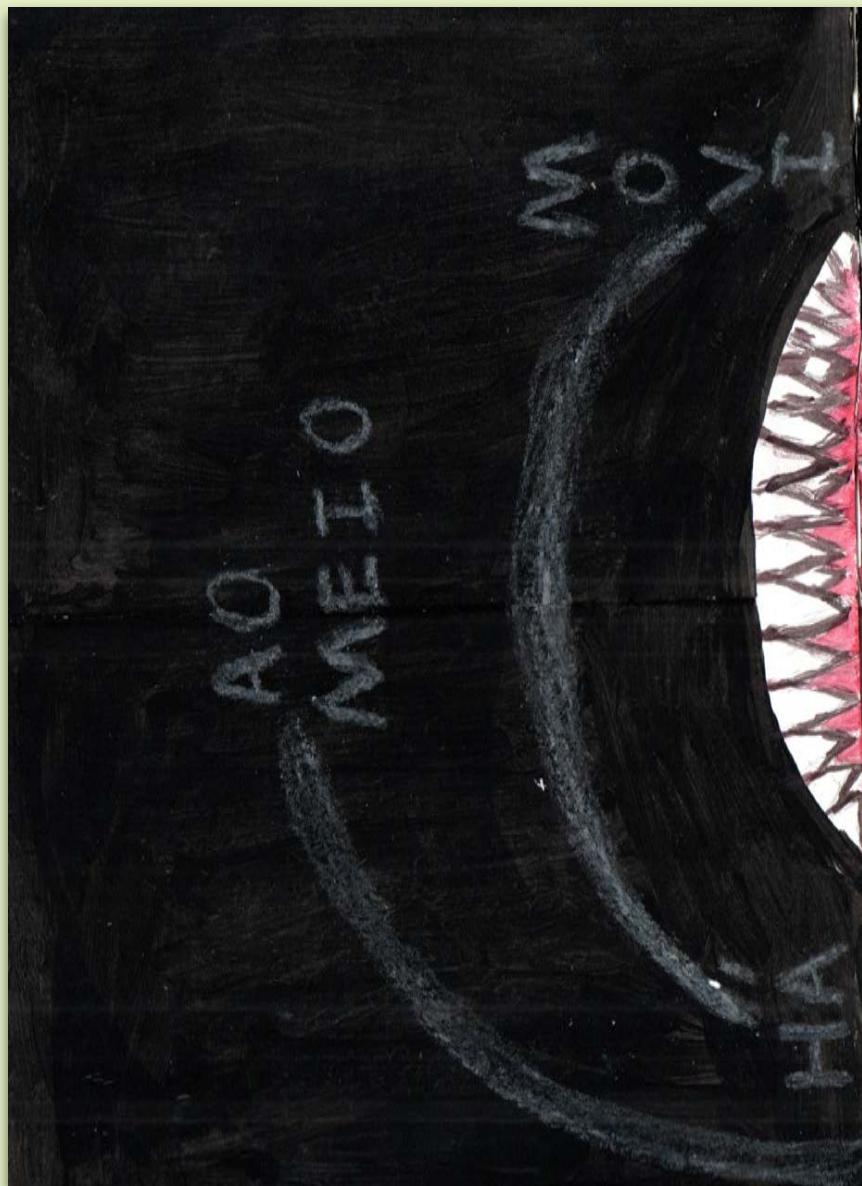
Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



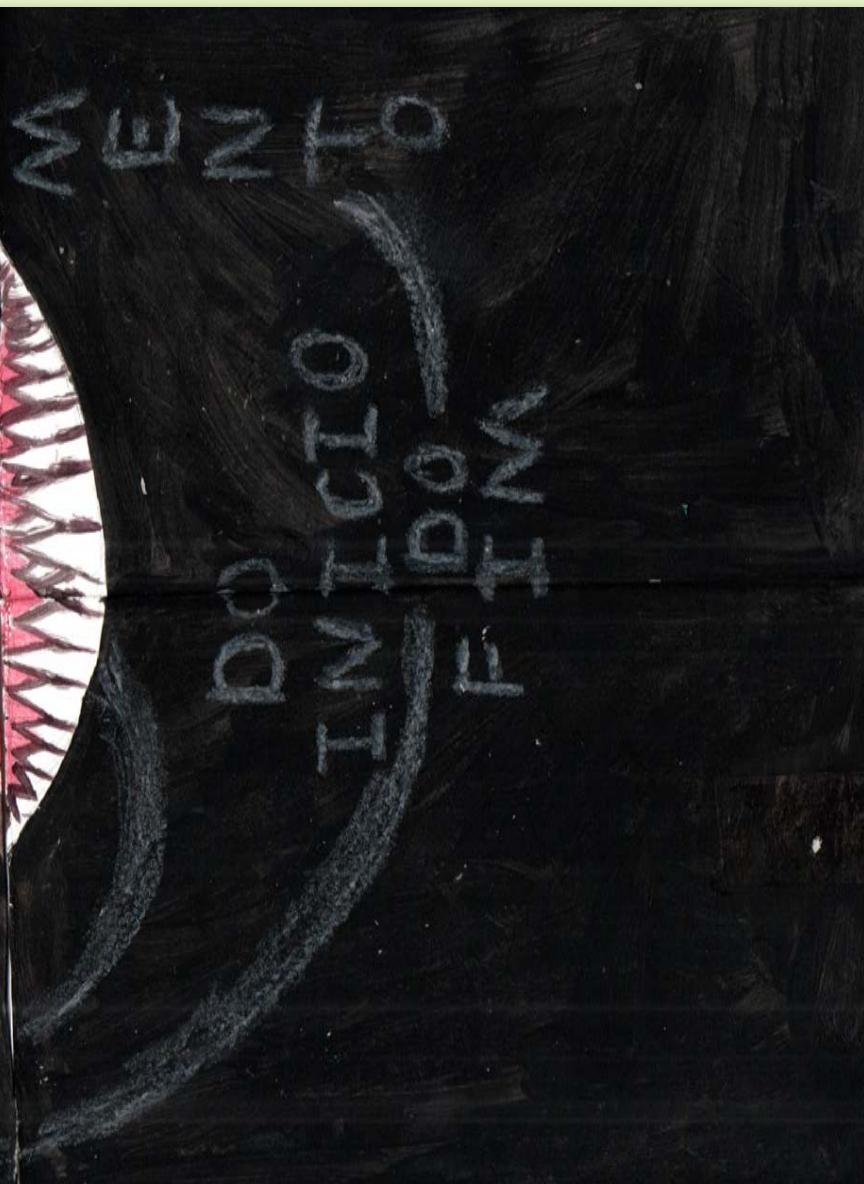
caderno educativo de Lindsayane



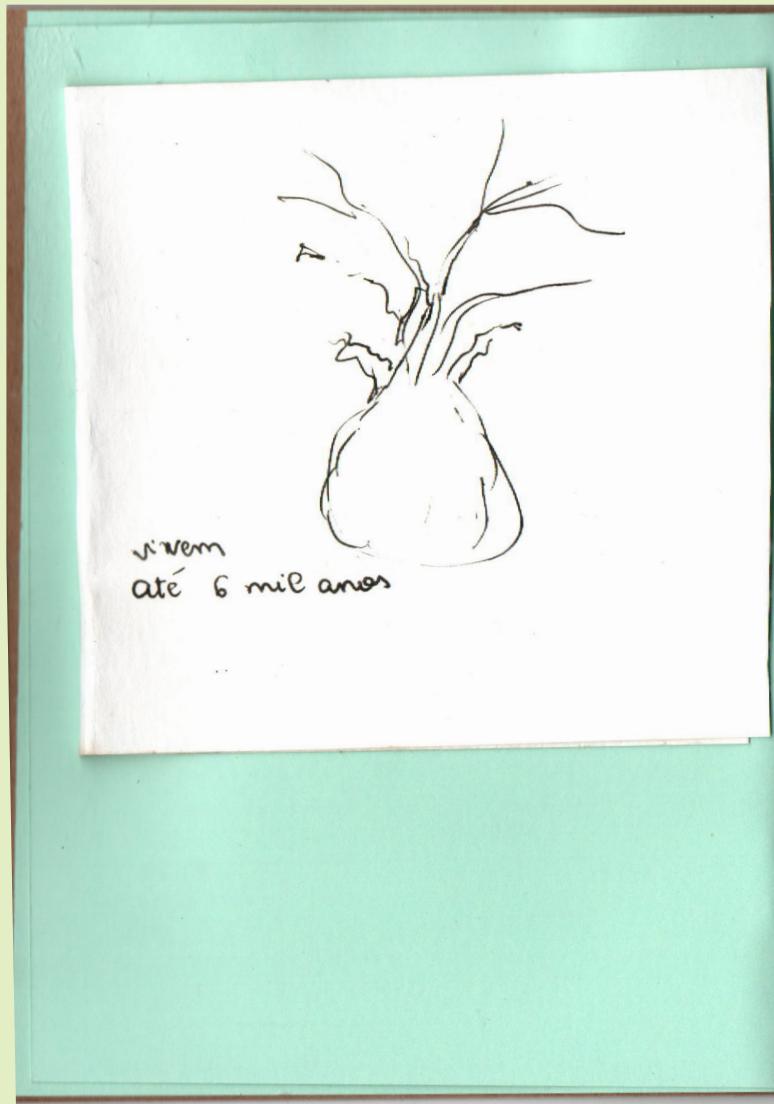
Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



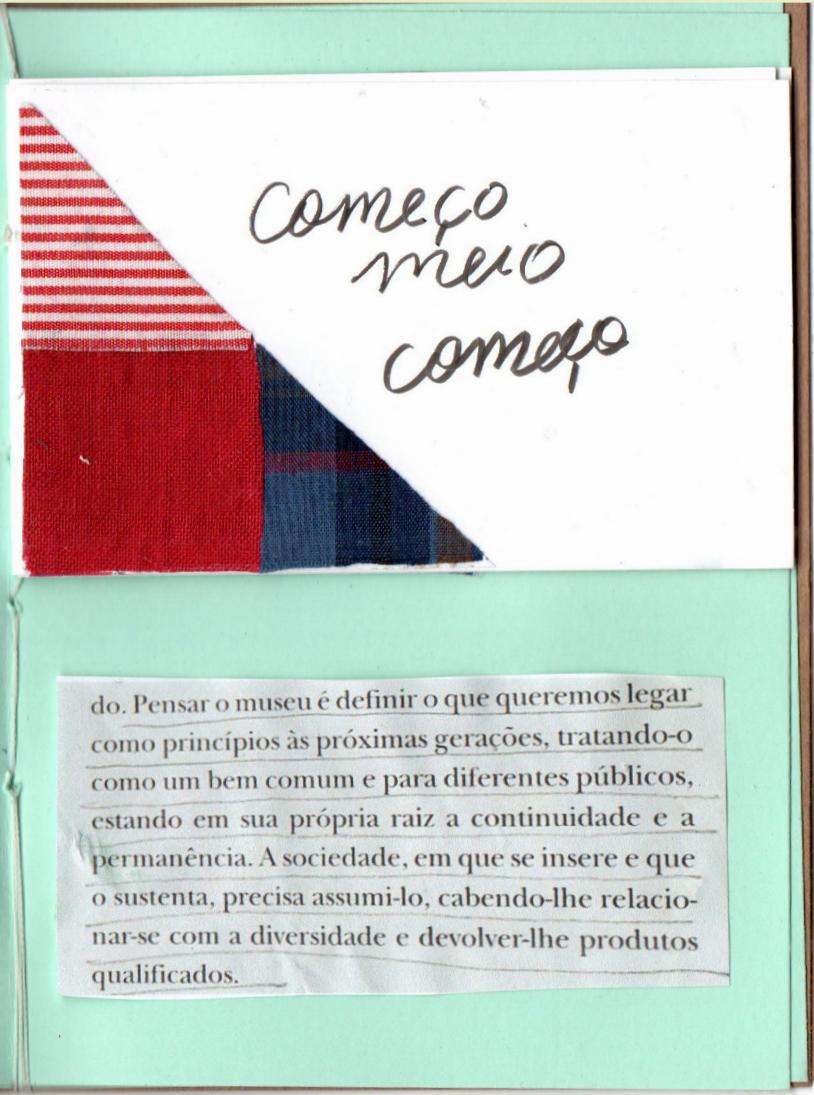
caderno educativo de Hanna Kin



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



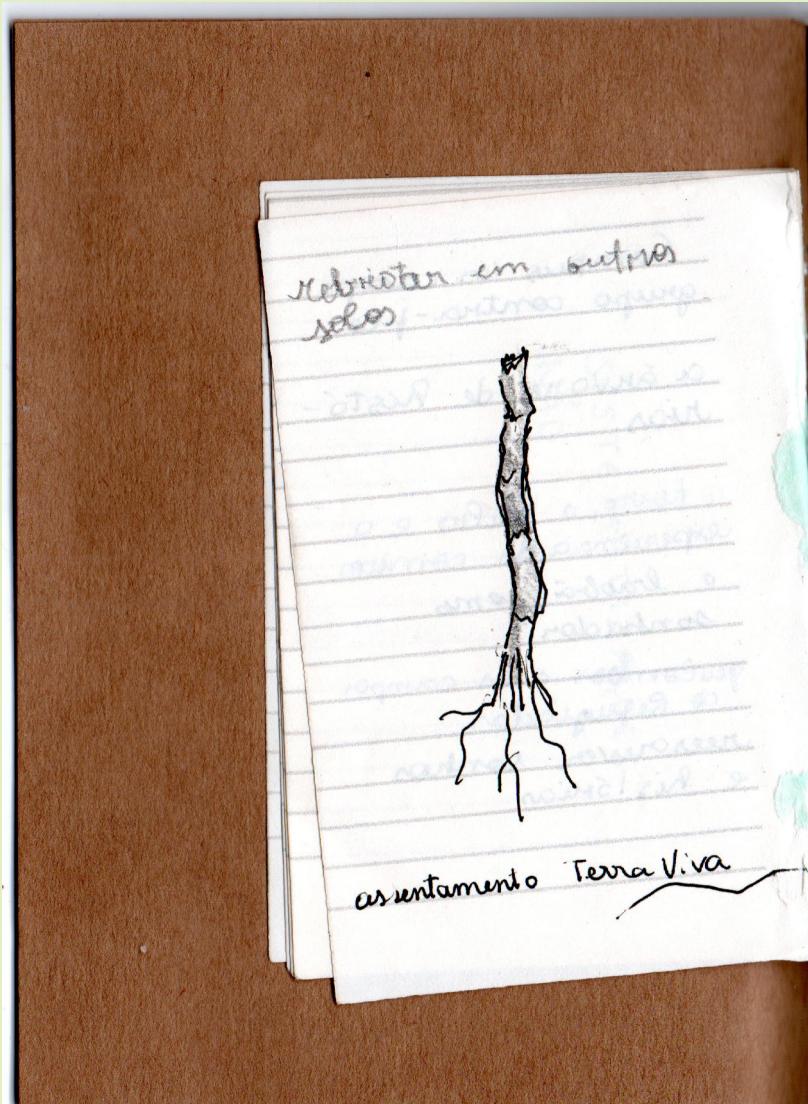
caderno educativo de Emanuelly



Começo
meio
começo

do. Pensar o museu é definir o que queremos legar como princípios às próximas gerações, tratando-o como um bem comum e para diferentes públicos, estando em sua própria raiz a continuidade e a permanência. A sociedade, em que se insere e que o sustenta, precisa assumi-lo, cabendo-lhe relacionar-se com a diversidade e devolver-lhe produtos qualificados.

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de Emanuelly



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

23/09/24

PALAVRA



O ABRACO

DO MARGARIDA

CORPA ATIVA

ATIVAGÃO



PLANTEI
A VIDA
NOS OLHOS

MUSICA
ELEVACÃO
DO
TEMPO



ORÍ

REGADO

NÃO SE ACOSTUME
COM A TENSÃO
DE PODER INTUITIVO

09.07.24 (encontro das artes visuais em instituições culturais e sociais)

Foto: Anna

EDUCAR - SAÚDE

SER
MOVIMENTO
ITINERÂNCIA

Auto dualização

NATURA



Instituições Nádadas
tradicionalas
ancestrais
índigena
Afrobrasileira
Ribeirinha

eu sou omo o
beija flor Beijo flor
voa pra cima e pra
baixo pra
fronte e
pra trás
ainda
pôr no ar!!

Viajar

Fonte de conhecimento

ecologico
concreto
concretude

Ensino Expandido

DAMINTHO
CAMINHAR
CAMILHANDO

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

Pedagogia do Broto

- Recebi um broto de Margaridão para cuidar por duas semanas e então plantá-lo na UFPB



- Coloquei o broto em um recipiente com água.

caderno educativo de Rebeca

- Em uma garrafa pet, preparei a terra e plantei o broto.



Por isso
uma
estaca,
não imaginei
ter um lado
- correto -
e apenas
 plantei

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

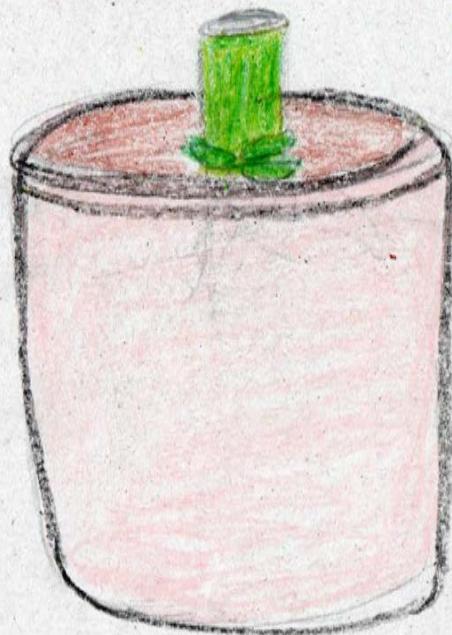
• A noiva estava cavaando um
adoecimento progressivo, ↗ " "
e meu amigo recomendou
cortar a parte pedre pl
que a doença não se espalhe
pela parte esaudável.

INSEGURANÇA



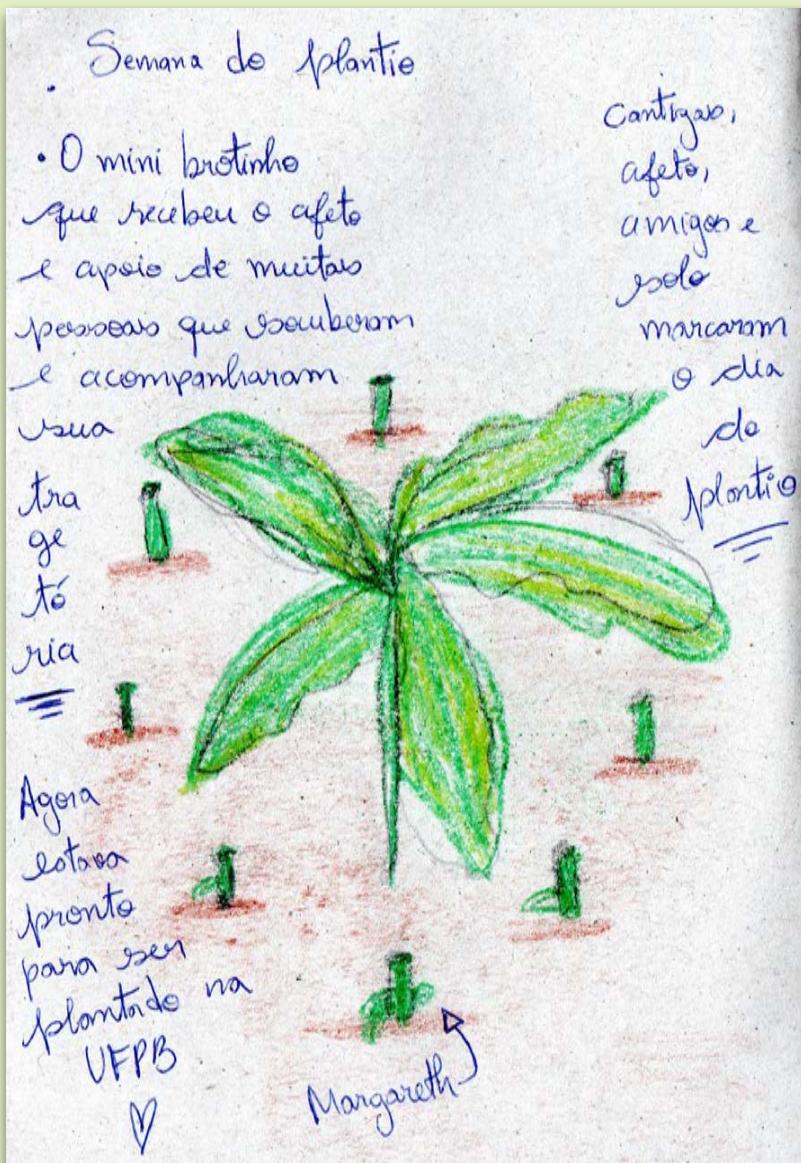
Depois de uma certa resistência, da minha parte,
Margareth foi amputada e a parte pedre
foi retirada, deixando o broto ainda
menor.

* Um broto pequeno,
Margareth agora crescia
Joaninha
em um novo recipiente
e com sua nova dieta
nutritiva.

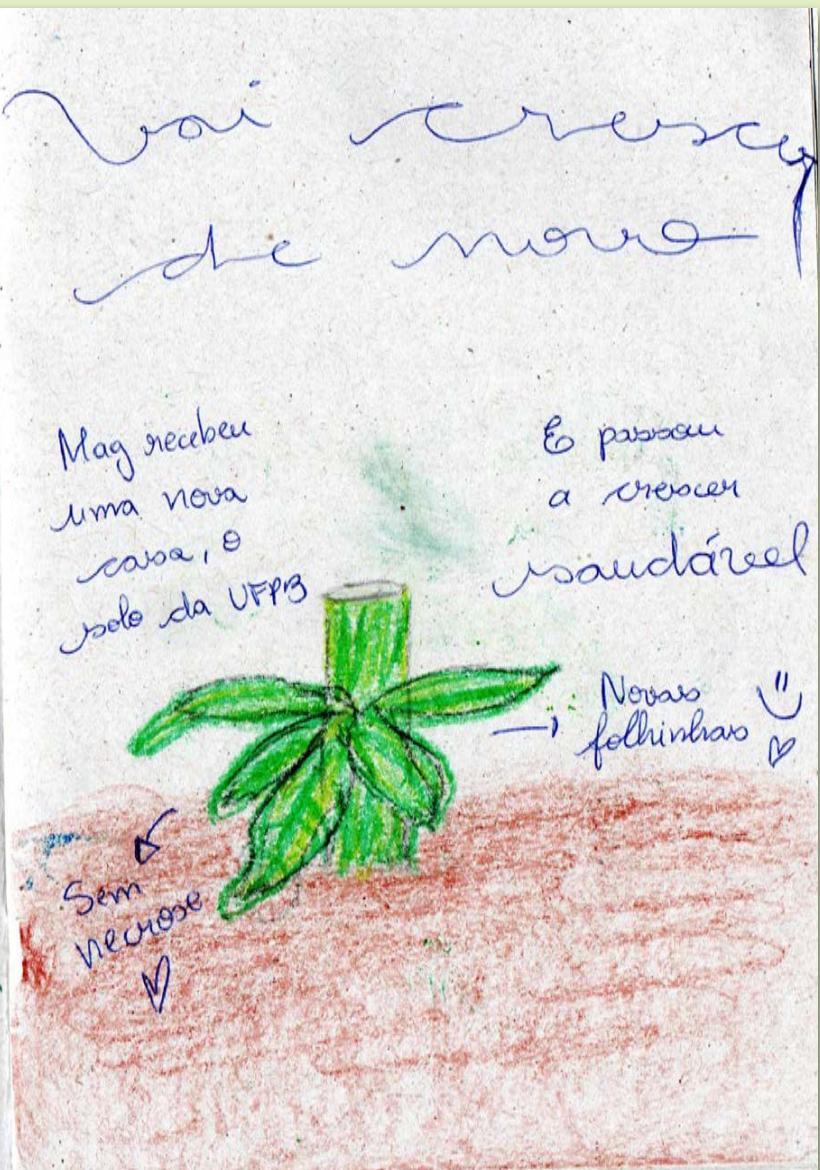


" Margaridéés
vão resistir-
ter. Não
tenha receis
de cortar,
ela vai
Crescer
de
novo
"

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de Rebeca



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba



caderno educativo de Quirino



Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

O Seminário “Do Parque ao Terreiro de Esculturas da Curva da Munguba” foi uma ação de culminância entre as disciplinas “Introdução à Museologia”; “Metodologia de Pesquisa Científica”; “Escultura”; “Tópicos em Escultura”; “Ensino de Artes em Instituições Sociais e culturais”; “Topicos Especiais em Artes Visuais I”; e Análise das Linguagens Contemporâneas”.

Ocorreu no dia 30/10/2024, contando com apresentações dos alunos, exposição dos trabalhos, roda de leitura e mediações educativas.

Foi uma experiência de criação coletiva articulada pelo **Grupo de Estudos Arquipélago** que tem pensando em modos de transformar a estrutura disciplinar do currículo de Artes Visuais; colocar em exercício os Ateliês Imersivos de Poéticas Integradas (AIPIN); e mobilizar afetos e convivências baseados em práticas coletivas.

Participaram os seguintes estudantes:

ALEX BARBOSA DA SILVA
ALLANA BARROS DE LIMA
ANA BEATRIZ COUTO
ANA BEATRIZ MATEUS
ANA GABRIELA DO VALE
ANA LIVIA NOBREGA PORDEUS
ANTÔNIO PEDRO RODRIGUES
ARIANE PEREIRA SOARES
ARKO JUNOS DORAS
AYANE BARROS
BIANCA ARAUJO
CAMILA PACHECO

CULMINÂNCIA - DO PARQUE AO TERREIRO DE ESCALDAS DA CURVA DA MUNGUBA

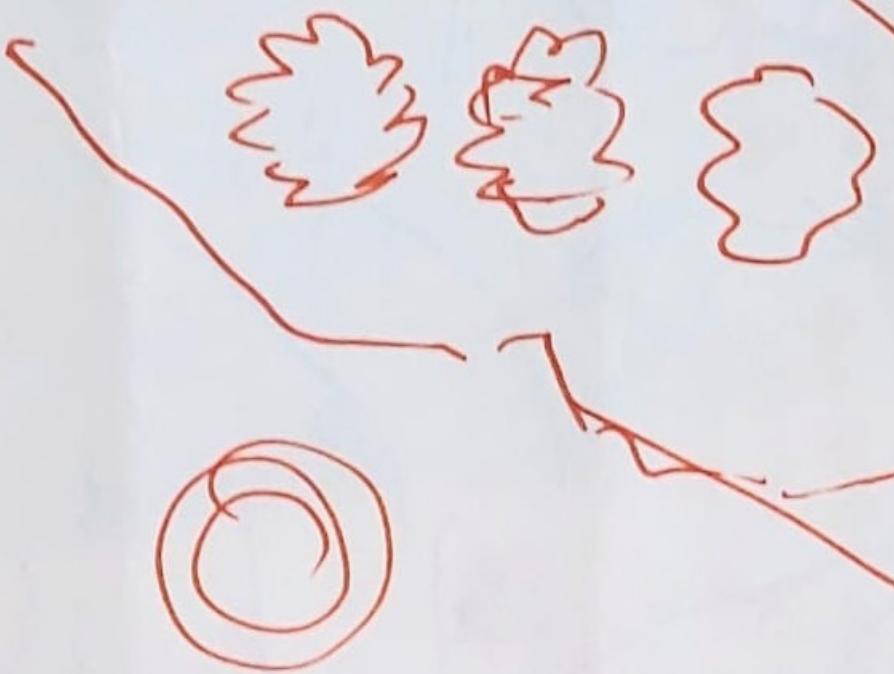
CAROLINE DEL RIO
CLARA DE AZEVEDO
COLOR CANUTTO
DANTE DUARTE
ELAINY ANASTACIO
EMANUELLY GUEDES
EMILLY MARTINS SILVA
EMANUELLY RODRIGUES
ERYNUNES SANTOS
FRANCISCA VAZ
GAB RODRIGUES
GABRIELLY VIEIRA
HANA KIN
HEBERT FRANCISCO
IARA ARAUJO
ICARO DE ALENCAR
ICARO DEMETRIUS
IGOR NÓBREGA
ISABELA ZIMBRUNES
ISABELLE AVELLAR
JOÃO A. CONFESSOR
JOSE IRAN FILHO
JOYCE ELLEN COUTINHO
KAMYLA AIRES
KAREN NATALE
KARINA TIGRE
KIVI MAERZI
LAURA DA HORA
LAURA ISABEL DE FARIA
LETHICIA ANDRADE SENA
LETICIA LIMA FARIAS

Terreiro de Esculturas: Curva da Munguba

LETICIA MARIA GOMES
LETICIA SANTOS DE LIMA
LIDIA ATAIDE
LINDAYANE NUNES
LÍVIA NÓBREGA
LOUISE BARBOSA
LUCAS ALVINO
LUCAS RODRIGUES
LUISA MARIA TORRES
LUIZ QUIRINO DO NASCIMENTO
MONIQUE ENCISO
OLIVER ETHYLEEN
PAULO HENRIQUE SANTOS
RADMILA LUA NUNES
RAONI PINHEIRO FILHO
RAY VENARI
REBECA BARBOSA
RENATA VENARI
RENATO SANCHARRO
ROBERTA LEITE
SUZANA LACERDA
TAFINS CARDOSO
TEREZA NEUMANN
VICTOR A. CARVALHO
VICTORIA MATTE
VITORIA DE ANDRADE FRANCA
VIVIANE BARBOSA FREITAS
WILLIAM PEDRO

**CULMINÂNCIA - DO PARQUE AO TERREIRO DE
ESCULTURAS DA CURVA DA MUNGUBA**





rotas

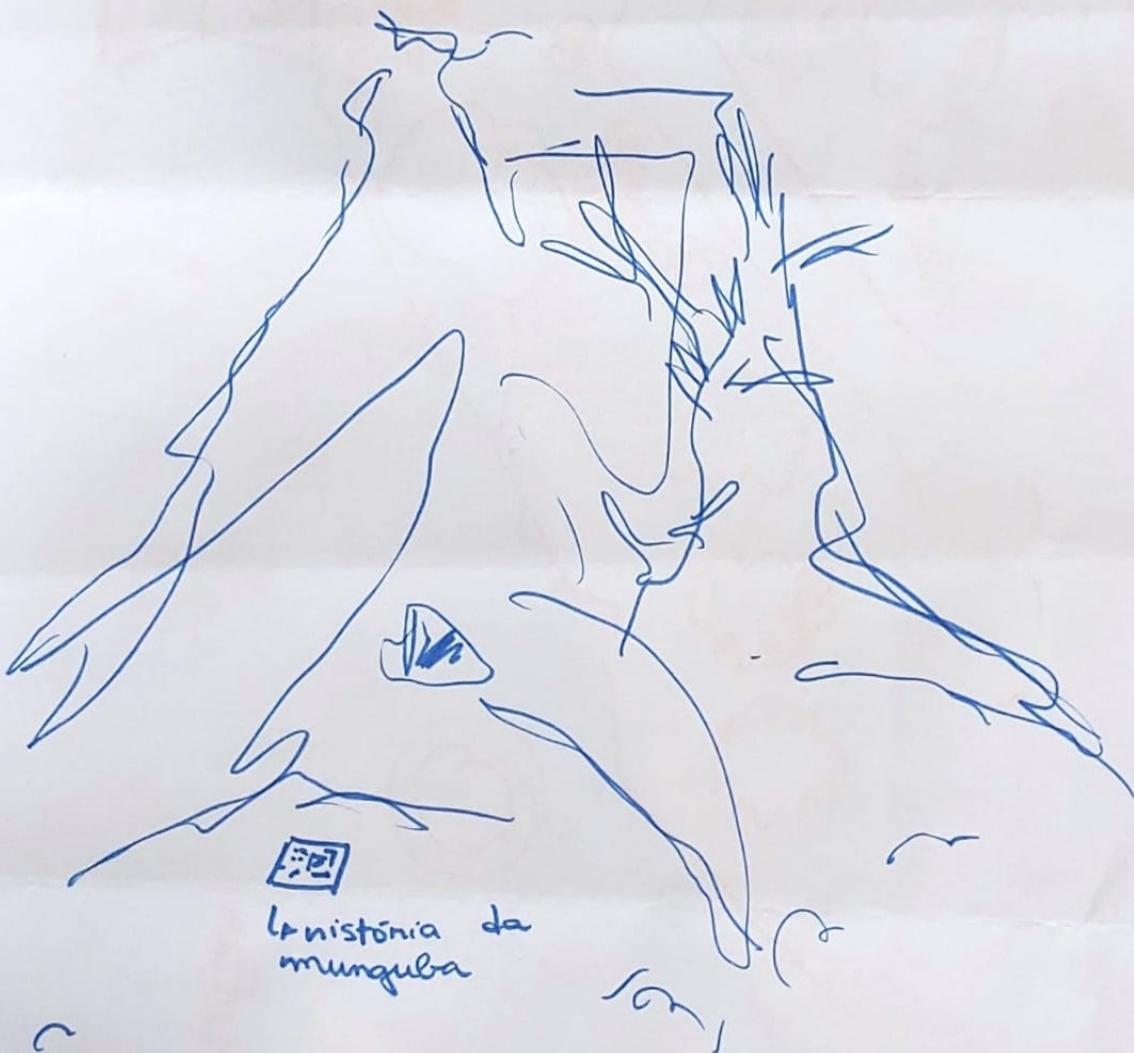
ССТМ

Мастикс

лаборатори



*cartas para
munguba a*



*leitura da
munguba*

- objetos cerâmicos
- objetos / folhas